

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC  
CYNTHIA COLOMBI ZAPPELINI

**Eventos de múltiplos letramentos e doença de alzheimer: estudo de  
caso**

Florianópolis - SC  
2014

**CYNTHIA COLOMBI ZAPPELINI**

**Eventos de múltiplos letramentos e doença de alzheimer: estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Fonoaudiologia como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Fonoaudiologia na Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC.

Orientadora Profa. Dra Ana Paula Santana.

Florianópolis- SC  
2014

### Ficha catalográfica

Zappelini, Cynthia Colombi Eventos de múltiplos letramentos e doença de alzheimer: estudo de caso / Cynthia Colombi Zappelini ; orientadora, Ana Paula de Oliveira Santana - Florianópolis, SC, 2014. 73 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Graduação em Fonoaudiologia.

#### Inclui referências

1. Fonoaudiologia. 2. Doença de Alzheimer. 3. Eventos de múltiplos letramentos. 4. Fonoaudiologia. 5. Linguagem. I. Santana, Ana Paula de Oliveira. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Fonoaudiologia. III. Título.

## DEDICATÓRIA

*Dedico este Trabalho ao meu Marido,  
que me incentivou a retornar a Universidade em busca dos meus sonhos,  
e possibilitou que esse sonho se concretizasse!*

## AGRADECIMENTOS

*À minha Avó que, com sua simplicidade e sabedoria, me ensinou a amar os idosos ;*

*Aos meus pais, que sempre me apoiam;*

*À minha orientadora, que me permitiu aprender todos os dias com suas experiências;*

*Às amigas, que tanto "emprestaram" seus ouvidos;*

*e a D. AR, que confiou e acreditou no meu trabalho!*

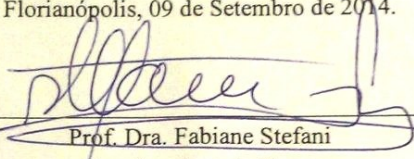
## TERMO DE APROVAÇÃO

Cynthia Colombi Zappellini

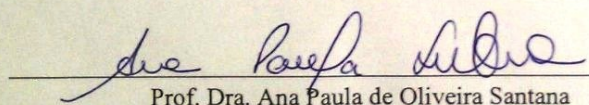
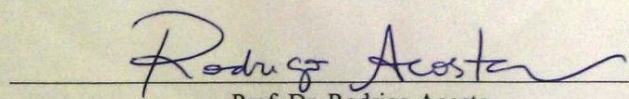
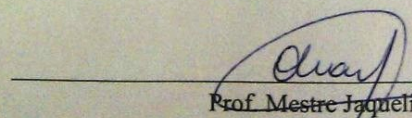
### EVENTOS DE MÚLTIPLOS LETRAMENTOS E DOENÇA DE ALZHEIMER - UM ESTUDO DE CASO

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do título de Bacharel em Fonoaudiologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 09 de Setembro de 2014.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Fabiane Stefani  
Coordenadora do Curso

Banca examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Ana Paula de Oliveira Santana  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Rodrigo Acosta  
Parecista  
Universidade Federal de Santa Catarina  
\_\_\_\_\_  
Prof. Mestre Jaqueline Ijuin  
Parecista  
Universidade Federal de Santa Catarina

## RESUMO

Com o envelhecimento da população brasileira há um aumento das doenças associadas ao envelhecimento, dentre elas a Doença de Alzheimer (DA). A DA é caracterizada principalmente por déficits de múltiplas funções cognitivas, comprometendo os aspectos funcional e social do sujeito, refletindo na qualidade de vida de seus portadores e familiares. Dentre as características de déficits cognitivos pode-se citar memória, pensamento, orientação, compreensão, linguagem, cálculo, capacidade de aprendizagem e pensamento abstrato. A linguagem é um processo complexo e elaborado, podendo as alterações referentes à DA ocorrerem em diferentes níveis: fonológicos, sintáticos, semânticos ou discursivos, podendo comprometer a linguagem oral e escrita. Há ainda poucos estudos qualitativos sobre a leitura e a escrita e, principalmente, sobre eventos múltiplos de letramentos nesse contexto. O letramento refere-se aos usos e práticas sociais de linguagem escrita numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. Desta forma, a presente pesquisa tem por objetivo analisar a capacidade de um sujeito com diagnóstico de DA integrar-se em novos eventos de letramentos digitais a partir da terapia fonoaudiológica baseada em uma perspectiva sócio-histórica. Este foi um estudo de caso de AR, sexo feminino, 77 anos, com Diagnóstico de Doença de Alzheimer há seis anos. Foram analisadas sessões de terapia fonoaudiológica de quatro anos, a partir de uma abordagem neurolinguística enunciativo-discursiva. Utilizou-se, nas terapias, atividades significativas que envolviam produção e interpretação da linguagem a partir dos diversos gêneros e ainda, inserção da paciente em práticas de letramento digitais. Os dados foram transcritos e analisados a partir da perspectiva citada. Verificou-se a inserção do sujeito com novos eventos de letramento digital e a modificação desse sujeito com relação as suas práticas de linguagem escrita. AR não apenas participou de interações fonoaudiológicas mediadas pelo computador como passou a adotar sistematicamente práticas de leitura e escrita através dos meios digitais. A paciente participou de produção escrita de crônicas para um blog, pesquisa na internet, palavras-cruzadas digitais, email, jogos de tablet, facebook (leitura e produção de comentários, opiniões, etc). Acredita-se que possibilitar o acesso do indivíduo com DA, em estágio inicial, a eventos múltiplos de letramento digital, promove a manutenção da reserva cognitiva e favorece suas práticas sociais e de linguagem. Além disso, a aprendizagem da paciente dessas práticas escritas evidencia a possibilidade de um sujeito com demência realizar novos aprendizados e se envolverem com novas práticas sociais.

**Palavras-Chave:** Doença de Alzheimer. Linguagem. Perspectiva enunciativo-discursiva. Eventos de múltiplos letramento. Fonoaudiologia.

## ABSTRACT

With the aging of the Brazilian population, there has been an increase in age-related diseases, including Alzheimer's Disease (AD). AD is primarily characterized by deficiencies in multiple cognitive functions, compromising the subject's functional and social traits, impacting the quality of life of disease-carriers and their families. Among the cognitive deficits evidenced by AD, one can include memory, thought, spatial orientation, linguistic comprehension, language, math, learning capacity, and abstract thought. Language is a complex and elaborate process, making the changes regarding AD occur at different levels: phonological, syntactic, semantic or discourse, which may impair both the oral and written language. There are few qualitative studies on reading and writing, and especially on multiple literacies events in this context. Literacy refers to the habits and social practices of writing in various social contexts, in a sociological, anthropological and sociocultural perspective. To analyze the ability of a subject diagnosed with AD to integrate into new events of digital literacies from speech therapy based on a socio-historical perspective. This was a case study of patient AR, a 77 year old female diagnosed with Alzheimer's disease six years ago. Speech therapy sessions of four years were analyzed from a discursive enunciation neurolinguistic approach. Significant activities were used in therapies involving production and interpretation of language from various genres and even insertion of patient practices of digital literacy. Data were transcribed and analyzed from the perspective aforementioned. AR not only participated in computer-mediated speech therapy interactions as systematically began to adopt practices of reading and writing through digital media. The patient participated in the written production of chronicles for a blog, Internet research, digital crosswords, email, gaming tablet, facebook (reading and production of comments, opinions, etc). It is believed that enabling the individual access to AD, early-stage, multiple events of digital literacy promotes the maintenance of cognitive reserve and favors their social and language practices. Moreover, the patient's learning of new written practices evidence the possibility of a person with dementia to continue learning and engage in new social practices.

**Keywords:** Alzheimer's Disease. Language. Enunciation-discursive perspective. Literacy. Multiple literacies events. Speech therapy



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Transcrição de um episódio de Setembro de 2012 .....	36
Tabela 2: Transcrição de um episódio de Novembro de 2014. ....	39
Tabela 3: Transcrição de um episódio de Junho de 2014. ....	43
Tabela 4: Transcrição de um episódio de Junho de 2014. ....	46
Tabela 5: Transcrição de um episódio de Novembro de 2013. ....	50
Tabela 6: Transcrição de um episódio de Novembro de 2013. ....	54
Tabela 7: Transcrição de um episódio de Agosto de 2013. ....	58
Tabela 8: Transcrição de um episódio de Agosto de 2013. ....	60
Tabela 9: Transcrição de um episódio de Março de 2014. ....	61

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Laudo Médico de 2008 .....	32
Figura 2: Laudo Médico de 2012 .....	32
Figura 3: Texto publicado em blogspot em Novembro de 2011 .....	41
Figura 4: Cartão on-line retirado de rede social .....	43
Figura 5: Cartão on-line retirado de rede social .....	46
Figura 6: Amostra de escrita de A.R .....	49
Figura 7: Imagem do aplicativo usado no tablet .....	58
Figura 8: Imagem do <i>site</i> .....	61

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1. DOENÇA DE ALZHEIMER.....	15
2. A NEUROLINGÜÍSTICA ENUNCIATIVO - DISCURSIVA .....	20
3. LETRAMENTO GÊNEROS DO DISCURSO.....	24
3.1 LETRAMENTO.....	24
3.2 OS GÊNEROS DE DISCURSO .....	26
3.3 EVENTOS DE MÚLTIPLOS LETRAMENTO.....	27
4. METODOLOGIA .....	31
4.1 SUJEITO DA PESQUISA .....	32
4.2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA .....	33
5. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO .....	37
5.1 EPISÓDIO - AS IMPLICAÇÕES DO LETRAMENTO DIGITAL NA VIDA DE AR..	37
5.2 - EPISÓDIO - USO DE <i>E-MAIL</i> E PUBLICAÇÃO DE TEXTO EM <i>BLOG</i> .....	39
5.3 EPISÓDIO - USO DO FACEBOOK PARA SUA INTERAÇÃO SOCIAL .....	43
5.4 EPISÓDIO - PRODUÇÃO ESCRITA - AUTOBIOGRAFIA - COM O USO DO COMPUTADOR.....	50
5.5 EPISÓDIO - PESQUISA NO GOOGLE SOBRE A CIDADE QUE AR NASCEU.....	55
5.6 EPISÓDIO - USO DO <i>TABLET</i> PARA JOGOS <i>ON-LINE</i> - JOGO <i>FLOW FREE</i> .....	58
.6.1 - Dia 1 .....	59
5.6.2 Dia 2 - Semana seguinte.....	60
.7 EPISÓDIO - PALAVRAS CRUZADAS <i>ON-LINE</i> E PESQUISA NO GOOGLE.....	61
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	65
PRETI, D. Análise de textos orais: São Paulo:Humanitas FFLCH/USP, 6a. edição, 2003.p. 13-1470	
ANEXOS .....	71
ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	71
ANEXO 2 - TEXTO DE RUBENS ALVES .....	72
ANEXO 3 - TEXTO AR PUBLICADO NO BLOG .....	73

## INTRODUÇÃO

Segundo dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2007), com a queda da fecundidade e o aumento da longevidade, a população brasileira vem sofrendo um envelhecimento acelerado, promovendo a necessidade de políticas sociais e de saúde pública indispensáveis a essa nova realidade, com métodos inovadores e imaginativos, que possam contribuir para a atenção dessa população, denominada como idosa.

À essa população idosa no Brasil, lhes são assegurados os direitos sociais, sendo necessário à sociedade dar-lhes condições para "promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade" dado pelo Novo Código Civil Brasileiro, pelo Artigo 1º, da Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994 (BRASIL, 1994). A Política Nacional do Idoso define ainda no art. 3º, inciso I, que "a família, a sociedade e o estado tem o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida" (BRASIL, 1994).

Decorrente ao envelhecimento da população brasileira, há também um aumento das doenças associadas a esse processo, como as de caráter neurodegenerativos. A demência é um dos problemas de saúde mental mais frequentes nos idosos, caracterizado pela presença de déficits adquiridos, persistentes e progressivos em múltiplos domínios cognitivos, afetando a competência social e/ou profissional do indivíduo (SOBRAL; PAÚL, 2013).

Dentre as demências, a Doença de Alzheimer - doravante DA - é a de maior incidência na população idosa, comprometendo severamente a qualidade de vida de seus portadores e familiares. Com o aumento da DA, há o surgimento de políticas públicas que estão sendo lançadas para assegurar o cuidado com essa população. Por exemplo, além do Estatuto do Idoso, (2002), o governo lança mão na portaria nº703/GM, de 12 de Abril de 2002, do Programa de Assistência aos Portadores da Doença de Alzheimer, visando a necessidade de adotar medidas que permitam melhor organizar a assistência aos envolvidos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002). Esse programa é responsável pelo diagnóstico, tratamento, acompanhamento dos pacientes com DA e orientação a familiares e cuidadores.

Na DA são constatados déficits de múltiplas funções cognitivas, comprometendo os aspectos funcional e social do sujeito. Esses comprometimentos ocorrem de forma

aleatória, podendo algumas funções estar afetadas e outras não. De acordo com Machado (2005), dentre as características de déficits cognitivos pode-se citar memória, pensamento, orientação, compreensão, linguagem, cálculo, capacidade de aprendizagem e pensamento abstrato.

Segundo Ortiz e Bertolucci (2005), a linguagem é um processo complexo e elaborado, podendo as alterações referentes à DA ocorrerem em diferentes níveis: fonológicos, sintáticos, semânticos ou discursivos, de acordo com a progressão da doença, comprometendo a linguagem oral e escrita em diferentes níveis.

Murdoch (1997) destaca a presença de um distúrbio da linguagem como um importante critério diagnóstico da DA. Desta forma, a fonoaudiologia deve apropriar-se de conhecimentos sobre os comprometimentos da linguagem na evolução da doença para realizar um trabalho eficaz a pacientes com Doença de Alzheimer, mesmo que este esteja focado na manutenção da função, mantendo sua qualidade de vida e autonomia, o que muitas vezes pode se tornar frustrante ao profissional da saúde, já que somos "treinados" para buscar a melhoria e evoluções nos quadros como resultado de nossos esforços (MAHENDRA; ARKIN, 2003).

Vemos, assim, que a análise minuciosa da linguagem é importante para o diagnóstico diferencial da DA, logo ressalta-se aqui o papel da fonoaudiologia na avaliação e tratamento de sujeitos com esse diagnóstico.

Especificamente sobre a linguagem escrita a literatura aponta que a leitura do paciente com DA é realizada mesmo sem a compreensão do texto, porém, estudos ressaltam que a influência de variáveis como frequência, extensão, regularidade e lexicalidade têm revelado alterações também nesta habilidade (PASSAFIUME, GIACOMO & GIUBILEI, 2000; PATTERSON, GRAHAM & HODGES, 1994 *apud* MANSUR *et. al*, 2005).

As dificuldades de linguagem escrita na DA têm sido descritas como heterogêneas, de acordo com Mansur *et. al.*(2005), podendo ser observados em seus estudos a agrafia como uma manifestação frequente de instalação precoce na doença, apresentando tanto déficits ortográficos quanto práxicos e motores da escrita. Mansur *et al* ressaltam a importância de mais estudos e pesquisas que considerem os aspectos socioculturais e suas relações com as alterações de leitura e escrita, podendo estes serem aspectos importantes para distinção precoce dos quadros demenciais.

É importante considerar-se não apenas as alterações de leitura e escrita, mas também as condições e práticas de letramento da pessoa com DA. Conceitua-se

letramento como o uso efetivo e social das informações escritas, sendo que o sujeito faz uso destas para interagir com o outro e o meio (TFOUNI, 1995).

O mundo tecnológico insere hoje em nosso cotidiano uma velocidade de processamento de informações quase instantaneamente, fazendo-se necessário que todo indivíduo adquira práticas de múltiplos letramentos para estar inserido no meio social, interagindo com os novos meios de comunicação (ROJO, 2009). Promover a inserção dessas práticas em indivíduos em processo de envelhecimento possibilita que se preserve, reabilite ou aprimore a linguagem dos idosos, promovendo sua qualidade de vida.

Desta forma, a presente pesquisa tornou-se relevante por haver na literatura poucos estudos que referenciem eventos de múltiplos letramentos relacionados à DA. Essa pesquisa teve, assim, o objetivo de analisar a possibilidade de aquisição/inserção de novos eventos de múltiplos letramentos num paciente com diagnóstico de DA a partir de estudo de caso de um sujeito diagnosticado com DA há seis anos. A coleta de dados partiu de uma terapia fonoaudiológica baseada numa perspectiva enunciativo-discursiva.

A partir dessas considerações, surgiram muitos questionamentos: o que uma pessoa com diagnóstico de DA lê? O que escreve? O diagnóstico e os sintomas modificam em suas práticas de letramento? De que forma? A terapia fonoaudiológica modificaria essas práticas? Seria possível o paciente com DA adquirir novos conhecimentos? Fomos em busca de possíveis respostas, descritas no presente texto a partir da seguinte estrutura.

No primeiro capítulo apresentarei uma revisão teórica sobre a Doença de Alzheimer e seus comprometimentos. No segundo capítulo apresentarei uma breve descrição sobre a perspectiva neurolinguística enunciativo-discursiva, para que o leitor possa se apropriar de conhecimentos da teoria abordada no estudo de caso. Já no terceiro capítulo, apresentarei o conceito de letramento e de gêneros do discurso. A metodologia da pesquisa é descrita no capítulo quatro e no capítulo cinco será realizada a análise dos dados.

## 1. DOENÇA DE ALZHEIMER

A população idosa vem gradualmente aumentando no Mundo. Atualmente no Brasil, conforme dados do IBGE (2007), a população com mais de 60 anos representa 12% do total geral de pessoas residentes no país. Com o aumento desta faixa da população, em decorrência de uma maior expectativa de vida, crescem paralelamente a incidência de distúrbios característicos deste período como os cardiovasculares e endócrinos, bem como todos os distúrbios degenerativos, como os cerebrais Murdoch (1997).

Dentre as doenças degenerativas cerebrais, cita-se a Doença de Alzheimer (DA), como a "principal das síndromes demenciais, respondendo por cerca de 50-60% dos casos, com acometimento de pessoas a partir da faixa etária dos 60 anos", de acordo com o Núcleo de Envelhecimento Cerebral - NUDEC (2013).

As alterações patológicas relatadas em cérebros de pacientes com DA são tanto morfológicas como neuroquímicas. São constatados redução importante do cérebro, devido à morte das suas células nervosas (abaixo de 1 kg), envolvendo áreas como lobo frontal e temporal, do hipocampo, do para-hipocampo e do giro hipocampal, segundo Murdoch (1997).

Alterações histológicas como a presença de placas senis e novos neurofibrilares, representam o critério diagnóstico mais importante para a DA, podendo ser identificadas de forma definitiva somente por meio de exame histológico do tecido cerebral, na autópsia - *post mortem* (MURDOCH, 1997; BRAAK e BRAAK, 1999).

A ressonância magnética pode ser útil na tentativa diagnóstica, revelando presença de atrofia generalizada do cérebro, aumento dos ventrículos, ampliação dos sulcos corticais e atrofia dos hipocampos e das tonsillas, além da ausência dos déficits motores (MURDOCH, 1997; MEBANE-SIMS, 2009).

A Doença de Alzheimer (DA) é diagnosticada preferencialmente através de um exame minucioso do estado físico e mental do sujeito. De acordo com Oliveira (*et al.*, 2005) existem três possibilidades para um diagnóstico: Doença de Alzheimer possível, provável e definitiva.

O diagnóstico da doença de Alzheimer possível baseia-se na observação de sintomas clínicos e na deterioração de duas ou mais funções cognitivas (por exemplo, memória, linguagem ou pensamento) quando existe uma segunda doença que não seja considerada como causa de demência, mas que torna o diagnóstico da

doença de Alzheimer menos certo. Na Doença de Alzheimer provável o diagnóstico é classificado de provável com base nos mesmos critérios utilizados no diagnóstico da doença de Alzheimer possível, mas na ausência de uma segunda doença. Na Doença de Alzheimer definitiva a identificação de placas e entrançados característicos, no cérebro, é a única forma de confirmar, com certeza, o diagnóstico da doença de Alzheimer. Por este motivo, o terceiro diagnóstico, determinante da doença de Alzheimer, só pode ser efetuado através de biópsia ao cérebro ou depois da autópsia (OLIVEIRA *et al.*, 2005, p.7).

De acordo com o DSM IV o sintoma principal da DA é a alteração de memória, que deve necessariamente estar presente. E pelo menos dois dos sintomas secundários deverão estar associados como: afasia (alteração de linguagem), apraxia (alteração da atividade gestual simbólica), agnosia (alteração nas associações e sínteses de imagens sensoriais: podem ser táteis, visuais e auditivas) e transtornos das funções executivas. A DA inicia-se de forma gradual e contínua (1994).

Morato (2008) descreve a forma moderada com desorientação têmporo- espacial e linguística. Nessa fase, os problemas de linguagem passam a ser perceptíveis, além de problemas práxicos e gnósticos e na forma severa a memória e linguagem encontram-se gravemente prejudicadas.

De acordo com Murdoch (1997), o primeiro estágio, denominado de "esquecimento", pode ter duração entre 2 e 4 anos. Já o segundo estágio, pode ser denominado de "confusional", onde um distúrbio de marcha do lobo frontal pode-se tornar aparente, com passos lentos, curtos e arrastados com postura de flexão. O último estágio é então denominado de "terminal", caracterizado por rigidez, bradicinesias e sintomas psiquiátricos como psicose, paranóias e alucinações.

Com o avanço da Doença, as disfunções intelectuais evoluem, interferindo no comportamento social do sujeito. Dentre as manifestações cita-se a deteriorização da memória, da capacidade de aprendizagem, de planejamento, julgamento e organização, além de sintomas psicológicos (MACHADO, 2005), excluindo o paciente da sociedade, refletindo numa vida mais isolada (ORTIZ; BERTOLUCCI, 2005).

As alterações de linguagem são consideradas por Ortiz e Bertolucci (2005), como um processo complexo e elaborado, podendo ocorrer em níveis variados comprometendo assim, a linguagem oral e/ou escrita nos aspectos emissivos e/ou compreensivos do sujeito com DA. Destaca-se a importância da avaliação e acompanhamento da linguagem pelo fonoaudiólogo, uma vez que o indivíduo interage



socialmente pela linguagem, possibilitando uma comunicação efetiva, mantendo a independência do sujeito com DA.

Faz-se necessário, assim, conhecer o funcionamento da linguagem nas mais diversas esferas de sua utilização, incluindo função comunicativa, a heterogeneidade e dinamicidade que lhe são constitutivas, para que seja possível avaliar os comprometimentos do indivíduo com DA, de acordo com Novaes-Pinto e Beilke (2008).

Quanto aos aspectos da linguagem, Romero (2012) divide os três estágios da doença pela severidade dos comprometimentos. Na fase inicial, a produção da linguagem encontra-se relativamente preservada, sendo que o indivíduo consegue manter uma comunicação efetiva, muitas vezes repetindo ideias, porém já apresenta dificuldades de iniciar tópicos no discurso e mantê-los de forma coerente. A compreensão escrita apresenta-se mais comprometida que a oral. Ocorrem ainda, nesta fase anomias.

Segundo Morato (2008) a forma leve, referida na literatura como estágio inicial, é caracterizado por problemas de memória constantes, com preservação dos aspectos fonológico-sintáticos e poucas alterações nas habilidades semântico-lexicais-pragmática. É bastante dificultoso se perceber as alterações de linguagem neste estágio devido ao fato de serem sutis e muito mais relacionadas às competências pragmáticas e discursivas e menos presentes no sistema formal da língua, como já apontava Noguchi (1997).

Na fase intermediária, as anomias tornam-se mais frequentes, assim como as parafasias verbais e as repetições de ideias. Realiza neologismos. Apresenta um empobrecimento semântico, diminuindo o interesse pela leitura. Ocorrem rupturas no discurso, com dificuldades em acompanhar o discurso e comprometimento maior da compreensão (ROMERO, 2012). A autora descreve para o estágio final, todas as funções cognitivas comprometidas, com intensa redução da produção oral, assim como da compreensão, podendo chegar ao mutismo. Algumas vezes mantêm-se perseverações ou ecolalias.

Com as alterações de linguagem, os pacientes sentem-se afetados em sua comunicação e interação social, gerando muitas vezes o isolamento do sujeito (OLIVEIRA et al, 2005). Sendo assim, dá-se importância para um diagnóstico e intervenção precoce para estas alterações linguístico-cognitivas.

As alterações de linguagem escrita em DA estão na literatura como a ocorrência de disgrafia, com alterações gráficas (referentes ao grafismo) e ortográficas (omissões, acréscimos, substituições e transposições de letras) já em fases iniciais da doença, de acordo com Carthery; Parente (2012). Destacam que as dificuldades de escrita são mais evidentes em fases iniciais da DA, e as de leitura, são observadas em fases mais avançadas. Os pacientes com DA apresentam como manifestação frequente de instalação precoce déficits ortográficos, práticos e motores da escrita.

Pesquisas sobre agrafias em DA podem ser subdivididas em dois grupos: aqueles que analisam a produção escrita em frases e narrativas e as que analisam a produção de palavras regulares, irregulares e pseudo-palavras (CARTHERY; PARENTE, 2012).

No primeiro grupo foram analisados o desempenho em tarefas de aspectos da escrita (soletração e aspectos motores) com operações que também fazem parte da linguagem oral como coerência de ideias, acesso lexical e sintaxe. Foi constatado um texto de organização pobre, repetitivos, com poucas informações e estas, irrelevantes. Observou-se muitos erros ortográficos e alterações práticos. (CARTHERY; PARENTE, 2012).

Num estudo realizado por Carthery (2012) para avaliar a escrita na DA, foram realizadas prova de escrita sob ditado, cópia e soletração, numa abordagem cognitiva. Observou-se diferentes perfis da escrita, como agrafias centrais (linguísticas), periféricas e mistas. Sendo na DA leve, a agrafia lexical a mais frequente. Já na DA moderada percebeu-se uma agrafia mista, com comprometimento da rota lexical e de um ou mais processamentos periféricos da escrita (CARTHERY; PARENTE, 2012).

Para a leitura nos pacientes com DA, as falhas no processamento semântico impedem a compreensão do significado da leitura, mas a decodificação grafema-fonema é mantida até os estágios mais avançados (CARTHERY; PARENTE, 2012).

Segundo as autoras acima citadas, há diferenças significativas entre leitura em voz alta e a compreensão, questionando-se a integridade do processamento de leitura nos pacientes com DA. Quando ocorre a entrada pelo sistema visual (leitura) tem características diferentes da entrada pelo sistema fonológico (escrita), ficando mais claro que o automatismo da leitura é que se mantém por um período mais longo que os processos voluntários.

De acordo com Machado (2005, p. 271), "avanços nos estudos da DA e novas abordagens terapêuticas têm dado esperanças na busca de tratamentos mais efetivos, visando a interrupção da progressão da doença".

De acordo com os estudos acima podemos observar que os déficits de linguagem estão presentes em todos os estágios da DA, seja de forma mais ou menos grave. Murdoch (1997) afirma que, na maioria das vezes, a estrutura gramatical encontra-se preservada, porém o discurso tende a ser vago, repetitivo e circunloquial, reforçando a ideia de que os sistemas semântico e pragmático são os mais vulneráveis ao longo da evolução da doença.

A partir dessa revisão de literatura vemos que a DA tem sido estudada basicamente através de uma visão mais organicista de linguagem. A proposta desse trabalho é justamente oferecer um outro olhar sobre esse mesmo processo. Desta forma, a seguir serão expostas as bases teóricas da perspectiva sócio-histórica.

## 2. A NEUROLINGÜÍSTICA ENUNCIATIVO - DISCURSIVA

Estudos em Neurociências e Linguística constituem os paradigmas das ciências na Neurolinguística enunciativo-discursiva (MORATO, 2002) sendo enfatizada a relação entre cérebro, linguagem e cognição. Uma das diferenças que geralmente as colocam em campos opostos é a concepção de linguagem subjacente à descrição e explicação dos fenômenos, o que influencia diretamente a metodologia de pesquisa, a avaliação e a conduta terapêutica (NOVAES-PINTO, 2012).

Essa perspectiva nasce em meados da década de 80, contrapondo-se a um discurso “tradicional” no campo das patologias, que privilegia as dicotomias e cujas reflexões não incluem as teorias linguísticas (COUDRY, 1988), restringindo-se à aplicação de modelos estruturalistas ou gerativistas, que não dão conta do uso efetivo da linguagem ou da relação do sujeito com a língua, nem para explicar questões relativas ao seu funcionamento nas patologias (COUDRY, 1988; NOVAES-PINTO, 1999).

Os primeiros trabalhos de Coudry (1988), desenvolveram a Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, integrando-se às abordagens sócio-histórico-culturais no estudo de questões relativas tanto ao funcionamento cerebral, quanto ao funcionamento da linguagem, inspiradas, principalmente, pelos trabalhos de autores como Vygotsky, Lúria e Bakhtin (NOVAES-PINTO, 2012).

Lúria e sua teoria são a âncora para a concepção de cérebro que orienta os estudos nesta perspectiva, o concebendo como um “Sistema Funcional Complexo”. Segundo Damasceno (1990, p.149) “este modelo pressupõe um sistema dinâmico, plástico, produto de evolução sócio-histórica e da experiência social do indivíduo, internalizada, sedimentada no cérebro”. Essa concepção enfatiza a natureza subjetiva e social desse funcionamento, ao afirmar que o cérebro é um órgão moldado pelas experiências externas que, por sua vez, transformam o funcionamento cognitivo.

Para Lúria (1981) a cultura tem influência considerável no desenvolvimento e funcionamento das funções superiores assim como no desenvolvimento do próprio cérebro. Como exemplo, cita o papel da aquisição da escrita e da cultura escrita que se reflete, segundo ele, em todas as esferas do funcionamento cognitivo.

Novaes-Pinto (2012) ressalta que para Vygotsky, a linguagem é a mais importante função mediadora e constitutiva/transformadora dos processos cognitivos superiores. A linguagem é entendida, no sentido vygotyskiano, como um sistema

simbólico, por meio do qual as funções mentais superiores são socialmente formadas e culturalmente transmitidas.

A linguagem é o principal fator na relação dialógica criança-adulto constituindo o sujeito (HENRY, 1992 *apud* BARROS, 2012). A sua função central não é a de expressão do pensamento nem a de instrumento de comunicação, mas a de interação entre sujeitos situados historicamente (Bakhtin, 1988). Não é somente a atividade mental que é expressada, exteriorizada com a ajuda de uma linguagem, mas a própria atividade mental existe sob a forma de signos (verbais e não verbais), que os sujeitos vão se apropriando e internalizando a partir dos processos interacionais de que participam.

As palavras de Franchi (1977, p.92) enfatiza o conceito de linguagem como trabalho:

A linguagem não é um dado ou um resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’ que, ao mesmo tempo, constitui o simbólico mediante o qual se opera com a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo.

O sujeito, por meio da linguagem, interage com o outro e se apropria dos modos de ação, dos papéis e funções sociais. É no curso dessas ações, mediadas pelo outro e pelos signos, nas relações sociais, que vão sendo constituídas as funções psicológicas e a formação do sujeito, sendo essencial para a orientação e organização dessas funções, e por participar da constituição do pensamento (NOVAES-PINTO, 2012).

Considera-se assim os aspectos discursivos da linguagem como fundamentais para o processo interativo e cognitivo dos sujeitos (Vygotsky, 2000 [1984]. A linguagem do ponto de vista bakhtiniano tem vida num espaço enunciativo-discursivo, sendo consideradas todas as manifestações que tenham a interferência do homem, constituindo-se como linguagem, enunciado ou texto (BAKHTIN, 1992 *apud* FANTI, 2003).

Para Bakhtin (Volochínov) (1988[1929]), o enunciado é o produto da interação de dois (ou mais) sujeitos socialmente organizados. A palavra, o discurso, dirige-se a um interlocutor, seja ele imediato ou não, situado socialmente.

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é terminada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao

outro. (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 1988 [1929], p. 113, grifos do autor).

Ressalta-se que o meio social mais amplo determina a constituição do enunciado, pois as esferas sociais e os participantes da interação, como elementos constitutivos da interação, moldam os enunciados (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011). Faraco (2003), relembra que as diferentes axiologias tornam os signos socialmente plurivalentes, uma vez que as muitas “verdades sociais” se encontram e se confrontam no mesmo material semiótico. Isso faz com que o material semiótico possa ser o mesmo, mas, na sua enunciação concreta, dependendo da voz social em que está ancorado, seu sentido seja diferente.

Apoiando-se em uma concepção sócio-histórico-cultural, tanto do cérebro como da linguagem, influenciada por áreas da linguística como a análise dialógica do discurso, a pragmática, a semântica enunciativa e a aquisição da linguagem (NOVAES-PINTO; SANTANA, 2009), prioriza-se, na terapia fonoaudiológica, significar as práticas de cada sujeito. A partir dessas questões, considera-se suas práticas sociais, de letramento e de oralidade como pontos primordiais (SANTANA; BERBERIAN; MARTINS, 2012). Neste contexto, os sentidos são construídos entre os interlocutores através da interação, na qual os sujeitos dizem muito sobre si, seus sentimentos e percepções em relação à sua vida.

O objetivo na clínica, assim, é possibilitar ao paciente assumir seu papel de sujeito na linguagem, assumindo-se como falante e interlocutor, através da interação e do diálogo. Assim, a terapia é uma situação de interação mediada por enunciados sócio-historicamente e ideológico-valorativamente constituídos.

Concebendo a linguagem a partir dos processos interacionais e dos usos sociais da linguagem, o fonoaudiólogo deve repensar a inserção do sujeito nas diversas esferas sociais, cujas interações são mediadas pela linguagem nos processos de produção e recepção dos discursos, produzida nas práticas de escuta, leitura e produção textual, refletindo em implicações de cidadania (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011).

O terapeuta deve restituir as condições de enunciação e circulação que tornam possíveis as múltiplas possibilidades de significação, interpretando constantemente o discurso do sujeito, sendo dinâmico no processo terapêutico, atribuindo novos sentidos àquele discurso carregado de subjetividade. Seu olhar deverá observar para além dos aspectos formais da língua, como os aspectos pragmáticos, interativos, contextuais,

discursivos, psíquicos e histórico-culturais (SANTANA, 2001). Ou seja, a preocupação não é apenas com a linguagem *strictu sensu*, mas " com aquilo que é do sujeito, da subjetividade e dos sentidos" (BARROS, 2012, p. 28).

Acredita-se que a linguagem é força fundante da significação e do discurso, sendo o sujeito efeito da linguagem, sendo a subjetividade produto de práticas discursivas e sociais que produzem sujeitos e suas subjetividade (MARCOPES; SANTANA, 2009). Desta forma, destaca-se a necessidade de promover a subjetividade e o empoderamento do sujeito com DA, escutando-o e reconhecendo-o em seu discurso, com um olhar para além de sua condição patológica.

Na clínica, assim como nas demais interações sociais, os sujeitos estão imersos em atividades que chamamos de uso efetivo da linguagem. A proposta de uma terapia baseada na neurolinguística enunciativo - discursiva é justamente considerar os contextos sociais significativos, a produção e interpretação dos diversos gêneros discursivos (NOVAES-PINTO,2012). Temas variados são oportunizados durante a terapia tais como rotinas dos sujeitos, agenda semanal e fatos noticiados pelos jornais, TV e internet (esportes, economia, ciência, meio-ambiente, novelas, geografia).

A partir dessas considerações vê-se a necessidade de aprofundar os conceitos sobre letramento e gêneros do discurso relacionando-os a DA. É o que farei a seguir.

### 3. LETRAMENTO E GÊNEROS DO DISCURSO

#### 3.1 LETRAMENTO

Em meados da década de 1990, estudos sobre o fenômeno do letramento eclodiram no Brasil por Angela Kleiman e Magda Soares, duas importantes estudiosas da linguagem no Brasil (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011).

Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011) nos trazem um breve histórico do surgimento deste termo no país. Angela Kleiman, no ano de 1995 procedeu a uma interessante discussão sobre os significados da expressão letramento, divulgando concepções de Shirley Heath, Brian Street e Harvey Graff, entre outros autores, as quais conferiam uma dimensão antropológica e sociológica ao termo, fomentando, em nível nacional, estudos com uma nova abordagem sobre a língua escrita na sociedade. Em 1998, Magda Soares escreveu a conhecida obra "Letramento: um tema em três gêneros", discutindo a definição do termo em questão, convergindo com a compreensão de Kleiman no delineamento do conceito de letramento concebido como relativo aos usos sociais da escrita, tais quais se estabelecem nos diferentes segmentos da sociedade, registrando a compreensão de que sujeitos analfabetos que façam algum tipo de uso da escrita, mesmo sem dominar o código, são em alguma medida letrados.

A palavra escrita encontra-se, pois, em exposição crescentemente mais efetiva, sob diferentes roupagens, interpelando o homem moderno, independentemente de seus níveis de escolarização e seu maior ou menor domínio dos sistemas de escrita. Somos hoje atingidos pela escrita independentemente dos espaços sociais que ocupemos (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p. 127).

De acordo com Tfouni (1995), o conceito de letramento é bastante amplo, podendo apresentar-se em diferentes graus, não se restringindo apenas às pessoas que adquiriram a escrita, assim, os analfabetos também são letrados, utilizando-se de seu raciocínio para resolver problemas e conflitos sociais. "As pessoas estão cercadas de informações escritas por onde quer que passem, seja nas ruas, em casa (...) e em muitos outros ambientes, e o letramento se faz necessário para a compreensão desse universo" (LEITE; BOTELHO, 2011, p.4). Assim, os atos de ler e escrever ganham espaços



significativos na vida dos cidadãos deste novo milênio, nos diferentes lugares sociais em que estabeleçam relações intersubjetivas.

"Enquanto alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduo, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade" (TFOUNI, 1995, p. 20). A autora ressalta que o letramento é um processo mais amplo que a alfabetização, porém, intimamente relacionado ao código escrito. De acordo com Rojo (2009, p. 98), "as práticas sociais de letramento que exercemos nos diferentes contextos de nossas vidas vão constituindo nossos níveis de alfabetismo."

Considera-se letramento como um "contínuo que representa diferentes tipos e níveis de habilidades e conhecimentos, e é um conjunto de práticas sociais que envolvem usos heterogêneos de leitura e escrita com diferentes finalidades no contexto social" (SOARES, 1998, p.83), a promoção de práticas de letramento junto ao sujeito que envelhece torna-se imprescindível, possibilitando que o mesmo exerça sua cidadania e papel social em busca de autonomia.

De acordo com Street (1993, apud Rojo, 2009), o letramento pode ser subdividido em dois enfoques: no enfoque autônomo o letramento "em termos técnicos, tratando-o como independente do contexto social, uma variável autônoma, cujas consequências para a sociedade e a cognição são derivadas de sua natureza intrínseca". Já no enfoque ideológico "as práticas de letramento como indissoluvelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade e reconhece a variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos" (STREET, 1993, apud Rojo, 2009, p. 99), reconhecendo a multiplicidade do letramento, estando ligado a contextos culturais específicos.

De acordo com Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011), as pessoas lidam com a língua escrita em seu dia a dia, atendendo a demandas de suas relações familiares, das diferentes esferas sociais em que transitam costumeiramente e das novas esferas em que se inserem por conta de relações intersubjetivas que passam a estabelecer. Há os sujeitos não escolarizados que, apesar de não dominarem o código alfabético, fazem usos da língua escrita decorando a identificação de linhas de ônibus, nomes de ruas e congêneres, necessários a sua mobilidade social. Há entornos microculturais em que a língua escrita está presente prevalecendo em gêneros do discurso primários, como bilhete, lista de compra, recibo de pagamento e afins. E por último, sujeitos que pela natureza de sua inserção histórica, socio-econômica e cultural, convivem com demandas

expressivas de uso da língua escrita, em gêneros do discurso secundários. A seguir, algumas considerações relevantes quanto aos gêneros do discurso.

### 3.2 OS GÊNEROS DE DISCURSO

Os gêneros, segundo Bakhtin ((2003[1979])) vistos como tipos relativamente estáveis dos enunciados singulares, constituem-se historicamente a partir de situações da vida social não totalmente estáveis, ou seja, dentro dos diferentes intercâmbios comunicativos sociais, que se realizam nas diferentes esferas sociais.

Os gêneros se constituem, estabilizam-se (relativamente) e se modificam historicamente no interior das esferas sociais. Cada esfera social, com sua função socioideológica e discursiva particular e suas condições concretas específicas, historicamente formula na/para a interação verbal determinados gêneros do discurso, que lhes são específicos. À medida que a esfera se amplia e se complexifica, ou seja, que novas situações sociais de interação vão emergindo, novos gêneros vão se constituindo (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011). Diante dessa ressignificação da noção de gêneros, percebemos que a variedade e a riqueza dos gêneros é extremamente grande, porque as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis.

Para Bakhtin (2003[1979]), o tema, o estilo e a composição de cada enunciado estão vinculados necessariamente à totalidade do enunciado e ao gênero do qual esse enunciado é um representante. O autor afirma que, por essa condição, o enunciado também estabelece relações dialógicas com os outros enunciados do mesmo gênero. Ainda ressalta que sempre falamos por meio de gêneros do discurso, ou seja, todos os nossos enunciados (incluindo a compreensão, que também é um enunciado) são construídos e significados a partir de um gênero.

Bakhtin (2003[1979]) lembra que existem pessoas que têm um bom domínio da língua, mas sentem-se impotentes em algumas esferas da comunicação, porque não dominam os gêneros dessa esfera. Ele exemplifica essa posição com o relato de que podem existir pessoas que dominam os gêneros de diversas esferas secundárias, dentre elas a da ciência, pois sabem ler relatório, desenvolver uma discussão científica, mas se calam ou intervêm de forma desajeitada em uma conversa cotidiana. Tratando-se de uma inabilidade de interagir por meio desse gênero.

Bakhtin (2003[1979]) estabelece distinção entre gêneros primários e gêneros secundários. Os gêneros primários se constituem na comunicação discursiva imediata, no campo das diferentes esferas cotidianas, como diálogo de salão, relato cotidiano, bilhete, conversa. Os gêneros secundários surgem nas condições da comunicação cultural mais “complexa”, regidas pela ideologia especializada e formalizada, que significa e valora o que é a literatura, o jornalismo, a escola. São exemplos de gêneros secundários: oração, missa, romance, conto, aula, livro didático, prova, palestra, artigo científico, resenha, notícia, reportagem (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011).

Os gêneros do discurso estão a todo momento na comunicação humana, sendo possível apropriar-se de novos gêneros a cada dia, ampliando as práticas de letramento.

### 3.3 EVENTOS DE MÚLTIPLOS LETRAMENTO

Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011) ressaltam que o conceito de eventos de letramento deriva de estudos de Heath (1982), nos quais a autora concebe como tais eventos qualquer ocasião em que um texto escrito faça parte da natureza das interações dos participantes e de seus processos interpretativos.

“...podemos mencionar, hoje, os atos de ler uma notícia de jornal, escrever um e-mail, fazer uma lista de compra, ler Dom Casmurro como alguns dentre muitos eventos de letramento que têm lugar no dia a dia das pessoas, dependendo de quem sejam, de onde vivam, de que usos façam da escrita em sua rotina de vida” (RODRIGUES E CERUTTI-RIZZATTI, 2011).

Street (1988; 2003) registra, no entanto, que tais eventos, ainda que fotografáveis, se analisados por si sós, não informam suficientemente para aqueles que os observam com um olhar culturalmente sensível. Escreve o autor:

“O conceito “eventos de letramento” é, na minha opinião, bastante interessante, uma vez que permite aos pesquisadores, da mesma forma que aos profissionais, focalizar uma situação específica em que as coisas estejam acontecendo, e em que se possa vê-las – esse é o evento clássico de letramento, em que conseguimos observar um evento que envolva a leitura e/ou a escrita, e do qual podemos começar a determinar as características: aqui, poderíamos observar um tipo de evento, um evento de letramento acadêmico, e ali outro, bastante diferente [...] Por outro lado, penso que exista também um problema: empregamos o conceito de evento de letramento de forma isolada, e ele permanece descritivo e – do ponto de vista antropológico, nada nos

diz sobre a forma em que os significados são construídos. Caso observássemos esse evento de letramento como não-participantes que não tivéssemos sido treinados em suas convenções e em suas regras, teríamos dificuldade em acompanhar o que pudesse estar ocorrendo, como a maneira de trabalhar com o texto, e como falar sobre ele. Nitidamente, existem convenções e suposições subjacentes ao redor do evento de letramento, que fazem com que ele funcione" (2003, p. 8, grifos do autor).

Hamilton (2000) se utiliza de uma interessante metáfora para dar conta das relações entre práticas e eventos de letramento: as primeiras seriam a base submersa do iceberg cujo topo visível seriam os eventos; logo, os eventos são fotografáveis, enquanto as práticas precisam ser apreendidas a partir da análise dos eventos, e é nelas que está a base sobre a qual os eventos se instituem.

Para Rodrigues; Cerutti-Rizzatti (2011) essa compreensão pluralizada acerca dos usos sociais da escrita chama a atenção para a diversidade que tais usos revelam nos diferentes espaços e tempos em que se dão, envolvendo sujeitos situados espacial e historicamente. Tomar a escrita no movimento dialético entre o local e o global parece, porém, ter seus custos. O maior deles é a amplificação desmesurada das fronteiras que o conceito de letramento abarca, suscitando conceitos derivados como letramentos eletrônicos, letramentos ecológicos, letramentos matemáticos e múltiplos letramentos.

Nos dias atuais, diante à diversidade tecnológica de práticas culturais e sociais de leitura e escrita, os trabalhos de Rojo (2009) enfatizam os letramentos múltiplos, definindo-o como as mais variadas formas de utilização da leitura e da escrita, tanto da cultura escolar e da dominante, como também das diferentes culturas locais e populares.

Rojo (2009) ressalta a questão do internetês ou bloguês, como um exemplo de letramento marginalizado. Embora seja considerado um ataque à língua portuguesa, porém a autora esclarece que o internetês é a utilização da leitura e escrita, adaptada para facilitar a comunicação nesse contexto de prática social. A prática de letramento realizada pela internet já faz parte da realidade social de boa parte da sociedade, como meio de acesso à informação.

Podemos dizer que, por efeito da globalização, o mundo mudou muito nas duas últimas décadas. Em termos de exigências de novos letramentos, é especialmente importante destacar as mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação da informação (ROJO, 2009, p. 105).

Como informa Rojo (2009), com o avanço da tecnologia a sociedade mudou, sendo inseridas novas formas de comunicação, consequentemente, novas práticas de letramento múltiplos são cada vez mais exigidas. Faz-se necessário conhecer um pouco mais sobre esse novo conceito:

O conceito de letramentos múltiplos é ainda um conceito complexo e muitas vezes ambíguo, pois envolve, além da questão da multisssemiose ou multimodalidade das mídias digitais que lhe deu origem, pelo menos duas facetas: a multiplicidade de práticas de letramento que circulam em diferentes esferas da sociedade e a multiculturalidade, isto é, o fato de que diferentes culturas locais vivem essas práticas de maneira diferente (ROJO, 2009, p. 108-109).

Assim, segundo a autora, os múltiplos letramentos contemplam as mais variadas formas de leitura e escrita que podem ser utilizadas pela sociedade contemporânea, abrangendo múltiplas linguagens.

Considerando que o letramento é uma prática social de linguagem que envolve leitura e escrita em diferentes contextos sociais, e que o mundo contemporâneo está completamente inserido no meio digital, com um crescimento contínuo de avanços tecnológicos, onde as informações circulam via essas tecnologias (ROJO, 2009), acredita-se na importância dos sujeitos com DA integrarem-se em eventos de letramentos múltiplos, como exercício de cidadania e empoderamento, que, por conseguinte, promovem sua co-participação em práticas sociais que se utilizam da língua escrita de forma multicultural e multisssemiótica e ressignificam sua história enquanto sujeito

De acordo com Gomes (2007) o sujeito tem necessidade de falar, de ter um interlocutor atento às suas considerações, aos seus sentimentos e sofrimentos. No contexto da Doença de Alzheimer, faz-se necessário também entender e analisar a linguagem do sujeito na sociedade, a partir dos múltiplos letramentos, possibilitando sua interação social, promovendo sua capacidade de pensar, produzir e partilhar a riqueza material e cultural na sociedade atual, mantendo sua autonomia e adiando sua dependência.

De acordo com Santana, Berberiam e Martins (2012), os gêneros discursivos não são privilegiados em estudos de alterações linguísticas em DA, fazendo-se necessário estudos que os considerem juntamente com as práticas discursivas e de letramento do

sujeito, suas interações sociais de linguagem oral e escrita, antes da doença, uma vez que estão inseridos numa sociedade letrada.

Para sua inserção nos múltiplos letramentos, o conhecimento de mundo trazido pelo sujeito com diagnóstico de DA deve ser valorizado, assim como suas práticas de letramento. Para Leite e Botelho (2011), é primordial que se conheça sua história cultural para que o trabalho com ele seja efetivo, facilitando o aprendizado, tornando-o mais prazeroso e contextualizado com suas vivências.

A seguir, apresentaremos a análise de um caso baseado nessa perspectiva.

#### 4. METODOLOGIA

Quanto às abordagens socioculturais, uma demanda natural é a utilização de uma metodologia qualitativa a qualquer tipo de fenômeno que interesse às Ciências Humanas, em todos os campos que se interessam em compreender como as coisas acontecem, em vez de apenas constatar que acontecem, de acordo com Freitas (2010).

Outro aspecto relevante da pesquisa qualitativa é a opção por estudos de casos, que têm ajudado a construir e solidificar as teorias linguísticas nas afasias (NOVAES-PINTO, 2012). As análises orientadas pela neurolinguística discursiva (ND) (Coudry, 1986/1988) nos levam, antes de mais nada, a observar o que está presente nos enunciados do sujeito e não apenas aquilo que foi omitido.

Kearns (1999) acredita que os estudos de casos sejam, hoje, amplamente aceitos na comunidade científica como instrumento legítimo para investigar questões clinicamente relevante, desdobrando-se à medida que os dados são coletados e analisados, resultando em um processo flexível e cíclico.

Em geral, as pesquisas qualitativas são criticadas por aqueles que acreditam que qualquer estudo científico deva ser pautado pelo critério da objetividade. A esse respeito, Freitas (2010) afirma que nas Ciências Naturais o pesquisador se depara com um objeto silencioso do mundo, que ele precisa contemplar, a fim de compreender. O pesquisador estuda esse objeto e, depois, fala sobre ele. Nas Ciências Humanas, entretanto, o objeto de estudo é o homem. Neste caso, o pesquisador não pode se limitar a um ato contemplativo; ele precisa falar com ele, estabelecer com ele um diálogo. A relação tradicional sujeito-objeto se torna uma relação entre sujeitos nos estudos qualitativos.

Freitas (2010) também ressalta que os textos da pesquisa qualitativa são narrativas, produzidas por sujeitos historicamente situados, em interação com seus ambientes sócio-culturais e que carregam uma determinada visão de mundo, bem como um sistema particular de valores, assim, a pesquisa é uma relação entre sujeitos e, portanto, dialógica.

#### 4.1 SUJEITO DA PESQUISA

O sujeito desse estudo de caso é AR, baiana, aposentada, com setenta e sete anos de idade, casada, mãe de três filhos e cinco netos. Tem formação em técnica de enfermagem, área que atuou por pouco tempo, pois mudou-se para Florianópolis, acompanhando seu marido, transferido. Em Santa Catarina, foi empresária na área de eventos, promovendo festas de aniversário, na qual participava diretamente da elaboração artística dos eventos, bem como todo o controle orçamentário da empresa.

Quanto aos seus hábitos de leitura e escrita, AR relata que sempre gostou de ler, especialmente revistas e jornais para se atualizar sobre os acontecimentos do mundo. Quando era jovem, costumava comunicar-se com o namorado (agora marido) e com os familiares (depois de casada) semanalmente, por meio de cartas. AR nos conta que ainda mantém o hábito da leitura, sendo a Revista Veja, sua "companheira" semanal, apesar de reclamar da dificuldade de reter a informação, o que a faz reler o texto várias vezes, retardando a progressão da leitura.

Quando questionada, AR identifica suas dificuldades, descreve o contexto em que houve a falha ou uma demora para a resolução da tarefa a que se propunha fazer. Uma de suas queixas frequentes diz respeito à cálculos matemáticos, sendo que se confunde, eventualmente, ao contar dinheiro e realizar cálculos simples. Ainda trás como queixa sua fala e mastigação lentificadas, apesar de avaliações nesses aspectos não terem apresentado alterações.

Nas terapias fonoaudiológicas, está sempre bem disposta, relatando aguardar pelas mesmas ansiosamente, durante a semana, o que demonstra uma construção interativa positiva entre ela e os terapeutas. Nas sessões, lê informações e notícias *on-line*, sempre comentando a matéria lida e argumentando sobre o assunto, buscando interagir com outros assuntos relacionados de seu interesse, como geografia, ciências, diferentes culturas.

AR foi diagnosticada por uma equipe interdisciplinar, compostas por neurologista, neuropsicólogo e psicólogo, apoiados em exames de imagem (Ressonância Magnética) com provável Doença de Alzheimer, em 2008.

AR encontra-se em terapia fonoaudiológica há 4 anos.

No diagnóstico de 2008:



**Conclusão/comentários:**

A hipoperfusão na região ântero-mesial direita, embora sem outras alterações corticais, não pode ser interpretada como uma variante normal, posto que o grau de hipoativação é moderado, e não grau leve. Como não há áreas bem demarcadas de hipoperfusão que sugiram acidentes isquêmicos de maior dimensão, existe a possibilidade de se tratar de DA, fase inicial.

Figura 1 - Laudo Médico de 2008.

Diagnóstico de 2012:

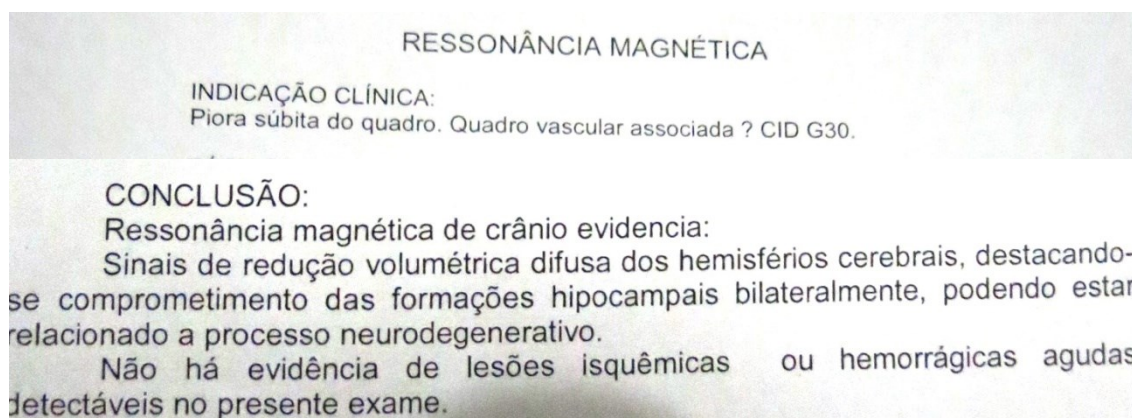


Figura 2 - Laudo Médico de 2012.

Quanto a avaliação neuropsicológica, AR "demonstrou alterações moderadas da expressão verbal, memória de trabalho e atenção, interferindo no seu dia a dia e não sendo condizente com a sua idade e nível anterior. Estas dificuldades podem interferir na realização de tarefas que exigem respostas e execução rápida verbal e realização de tarefas sequenciais e que exigem organização".

Os achados segundo a avaliadora apontam para comprometimento moderado da fluência expressão verbal e os sistema operacional.

Esse sujeito foi selecionado a partir dos atendimentos fonoaudiológicos realizados no Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago, na Universidade Federal de Santa Catarina (HU-UFSC).

#### 4.2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Os dados desta pesquisa foram coletados dos atendimentos fonoaudiológicos que ocorreram de 2011 a 2014, no HU - UFSC e Clínica de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Os atendimentos eram semanais, com duração de 45 minutos cada sessão, desenvolvidas sob episódios dialógicos, com o

objetivo de argumentar a favor das análises qualitativas que privilegiam as interações dialógicas como expedientes metodológicos para a compreensão das dificuldades observadas na DA.

Os dados foram compostos de uma amostra das sessões realizadas. A seleção dos dados prioriza a produção oral e escrita em atividades de letramento digital.

Para transcrição dos dados, utilizou-se as normas ortográficas descritas por Preti (2003).

A transcrição constitui basicamente a passagem das palavras pronunciadas para uma formatação escrita num sistema gráfico, que, em via de regra, segue a grafia padrão"(...) representa uma passagem, uma transcodificação que já caracteriza uma primeira transformação... O importante nessa transformação é considerar a substância e a forma de conteúdo, pois é por meio da tomada de consciência do conteúdo da informação oral que se pode chegar a sua compreensão, senão não é possível a transcodificação (VERCEZE; NOGUEIRA, 2005).

Para a transcrição propriamente, usa-se um sistema de sinais próprios para as notações que darão origem a transcodificação (maiúscula para tom mais alto, silabação para fala pausada, três pontos para a pausa, barra para truncamento de palavras, alongamento de vogais, repetições, comentários para indicação de aspectos ou falas circunstanciais, extratópica, etc). Optou-se por seguir estas regras, para que se pudesse manter o máximo de fidelidade à produção oral (VERCEZE; NOGUEIRA, 2005).

Ocorrências	Sinais	Exemplificação*
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	Do nível de renda...( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ ou timbre)	/	E comé/ e reinicia
Entonação enfática	MAIÚSCULA	Porque as pessoas retÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para:::ou mais	Ao emprestarem os...éh :: ... o dinheiro
Silabação	-	Por motivo de tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco...Central...certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões...que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentário descritivo do transcritor	((minúscula))	((tossiu))

Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	...a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as [ Linhas	A. na casa da sua irmã [ B. sexta-feira? A. fizeram lá... [ B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de texto, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima...ah escreve na ocasião... “o cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...
<p>Observações:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc).</li> <li>2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?).</li> <li>3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.</li> <li>4. Números: por extenso.</li> <li>5. Não se indica ponto de exclamação (frase exclamativa).</li> <li>6. Não se anota o cadenciamento da frase</li> <li>7. Podem combinar-se sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa).</li> <li>8. Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final dois pontos, virgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.</li> </ol> <p>* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP n. 338 EF e 331D2.</p>		

(PRETI, 2003, p. 13-14)

Para a análise e discussão de caso, serão expostos 7 episódios:

Episódio 1 – (Data: 09.2012) - As implicações do letramento digital na vida de AR

Episódio 2 - (Data: 11.2011) - Uso de e-mail e publicação texto em *Blog*

Episódio 3 - (06.2014) - Uso do facebook para sua interação social

Episódio 4 - (11.2013) - Produção Escrita - Auto-biografia intitulado "Enfermagem", com o uso do computador

Episódio 5 - (12.2013) - Pesquisa no google sobre a cidade que AR nasceu

Episódio 6 (08.2013): Uso do *tablet* para jogos *on-line* (Jogo FlowFree)

Episódio 7 (03.2014): Palavras cruzadas *on-line* e pesquisa no google

A coleta de dados iniciou-se após aprovação do projeto intitulado Alterações linguístico-cognitivas: contexto clínico e institucional, no Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC, cujo número do parecer é 02674912.0.000.0121. Considerou-se os dados das sessões anteriores. Os dados da pesquisa foram retirados de atendimentos realizados no período de 2011 a 2014, privilegiando os dados nos quais ocorrem trabalho linguístico. Os dados foram gravados e transcritos literalmente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Anexo 1). O sujeito que participou dessa pesquisa terá acesso aos resultados obtidos nessa pesquisa e por meio de conversação será realizada a devolutiva das avaliações e terapias.

Descrita a metodologia segue a análise dos dados.

## 5. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Nos processos dialógicos de pacientes com DA, torna-se fundamental a mediação de um “interlocutor qualificado”, aquele que pode intervir favoravelmente na interação verbal, de forma a retardar os efeitos da DA: o “parceiro da comunicação verbal” (BAHKTIN, 2003); aquele que ajuda a construir a significação por meio dos sucessivos acabamentos que vai dando aos enunciados dos sujeitos, tentando alcançar seu querer-dizer.

Neste capítulo serão apresentados sete episódios dialógicos, com segmentos transcritos, seguidos de uma análise qualitativa de cada um desses episódios.

### 5.1 EPISÓDIO - AS IMPLICAÇÕES DO LETRAMENTO DIGITAL NA VIDA DE AR

(Data: 09.2012)

Após dois anos de terapias fonoaudiológicas, na qual AR teve acesso a alguns meios tecnológicos como aprender a manusear o celular, acesso ao computador com abertura de conta de e-mail e criação de um perfil no facebook, AR relata o que significou em sua vida:

Turno	Sigla	Enunciado
1	AR	(...) a mudança tamBÉM...me colocando no::: na vida também...é:::...retornando a vontade de viVÊ...e achei muito::: e era uma aula bem diverTida e aMAda (...) (...) tudo de maneira agradável... quando ela também... me colocô frente a:::... faceBOOK...((sorriu)) através delas me deu muita alegria...coisa que hoje em dia é normal, mas eu tava FOra desse contexto...ATÉ do telefone celular...eu não sabia lidar...e com a maneira ...a técnica que elas usavam pra eu memoriZA... aquela tarefa nova... me renovava o ânimo...a satisfação de:::...querer aprender coisas novas.
2	Int	E o e-mail...como é que foi... a senhora não tinha e-mail... conta

		um pouquinho o que a senhora encontrou...como é que foi ler os e-mails, o que significou isso...
3	AR	Ah... ((sorrindo))... eu me...eu me achei assim...na:: época atual... eu tava bem...((risada)) eu tava BEM na atualidade e::...essa::...vamos dizer...(assim) ... esse contato que eu pude ter com as pessoas me dava::...assim uma:: alegria infantil...que eu tava podendo fazê aquela atividade que pra muitas pessoas ti/já é normal...coisa corriqueira...mas pra mim era uma coisa MUITO nova...e eu sentia que era um avanço muito grande...o progresso na minha:: memória... decorando as coisas ((risos))... vergonha((risos, envergonhada)).
4	Int	E o facebook D. AR...a senhora encontrou pessoas novas...pra que a senhora acha que serve o facebook...como é que a senhora sente quando a senhora abre o facebook...a senhora só abre aqui...abre lá...como é que é?
5	AR	Não...só abro aqui...eu...eu...eu achei bom como...quando as Pessoas...é::...correspondê...não... [
6	Int	Aceitaram seu convite?
7	AR	É::...porque foram crianças...jovens...amigos dos meus filhos...então era um...um papo interessante...só me renovava a memória... (...)

Tabela 1: Transcrição de um episódio de Setembro de 2012.

A literatura ressalta que a linguagem, e principalmente a língua – tanto em seu domínio estrutural (fonológico, morfológico, sintático, morfossintático) quanto em sua esfera interacional/social (semântica, pragmática) é uma das funções cognitivas significativamente afetadas na DA (NOGUCHI, 1997), afetando diretamente a atividade comunicativa do paciente, possibilitando o isolamento deste indivíduo, aumentando o risco de uma institucionalização precoce (ORTIZ; BERTOLUCCI, 2005). Destaca-se que AR já vinha se sentindo isolada e fora do contexto tecnológico atual (turno 1 e 3).

Nunes *et.al* (2012) destaca a importância do respeito e dedicação do terapeuta com o paciente com DA, devendo sempre lembrar da frase “Eu me perdi em mim

mesma”, dita pela primeira paciente diagnosticada com Alzheimer, uma vez que esta demonstra o quão difícil é o enfrentamento desta doença.

AR relata sobre as implicações de sua inserção nos meios tecnológicos para sua interação e inserção social, como mostra no turno 1, tal como Baumam (2005) afirma refere á explosão da Internet. Para o autor, as práticas com a internet referem-se a um fenômeno constitutivo das identidades de hoje, oferecendo interações fáceis e rápidas, relativizando as fronteiras espaciais e multiplicando as possibilidades identitárias.

Sendo assim, temos que discurso, poder e sujeito constituem uma trilogia em que as partes estão mutuamente implicadas (...). Nesse caso, cabe analisar como os indivíduos se tornam sujeitos, como conseguem formatar uma maneira de existir possibilitada pelo mundo digital, o qual é permeado por certos mecanismos de poder que perpassam, controlam e possibilitam a produção e circulação dos discursos na rede (PISA, p.152, 2012).

Destaca-se que AR se reconhece como sujeito no mundo, fortalecendo sua relação com a língua, consigo mesma e socialmente, refletindo no seu bem estar. Criando uma nova relação de poder, acreditando ser capaz de estar e agir sob as coisas. E ainda, percebe-se que AR realiza uma autoanálise não só sobre o que a internet representa para ela como os processos de aprendizagem que foram utilizados pela terapeuta para lhe ensinar a utilizar o celular. Ou seja, ela ainda é capaz, apesar da demência, de utilizar a linguagem em sua atividade reflexiva, sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesma (GERALDI, 1993).

## 5.2 - EPISÓDIO - USO DE *E-MAIL* E PUBLICAÇÃO DE TEXTO EM *BLOG* (Data: 11.2011)

Uma conta de e-mail foi aberta para AR, para que ela pudesse comunicar-se com os parentes e amigos. Semanalmente eram verificados seus e-mail na terapia. AR lia e respondia aos e-mails que achasse necessário. Dentre os e-mails recebidos, AR se identificou por um que trazia o texto de Rubens Alves "Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho para sempre" (Anexo 2). Nesse mesmo período, ela relatou que uma amiga sua havia sido convidada para escrever para uma revista. Isso a emocionou muito pois disse que gostaria também de escrever. A partir dessa demanda, a terapeuta perguntou se AR gostaria de escrever uma crônica. AR decidiu então escrever

sobre a transformação do Piruá, texto este publicado no *blog* "contextosfono.blogspot.com.br".

Após a leitura da crônica recebida em seu e-mail (enviada por sua filha), trabalhou-se o significado do texto e, depois, a escrita de uma crônica por AR sobre piruá. O texto foi escrito no computador e AR ditava e corrigia todo o texto para as investigadoras (DI e AP). O segmento abaixo refere-se à discussão sobre o significado da palavra piruá e a organização das ideias de AR para produzir sua crônica.

Turno	Sigla	Enunciado
1	AP	Você sabe o que é piruá? Veja a definição aí...
2	Di	Parece que é um nome que vem do índio, é o milho da pipoca que não estoura (lendo no computador).
3	AR	Da língua indígena.
4	AP	Um texto é assim, a gente faz, apaga, refaz. A senhora vai mudando, mudando. (...)
5	AR	Eu ia querer saber direto o que é piruá, depois me explicou que é o restinho que sobrou do milho, no dicionário.
6	AP	Veja se tem aí (referindo-se ao significado buscado na internet).
7	DI	Aquele milho de pipoca que não estoura, ficando no fundo da panela', 'Pessoas que não aprendem, não evolui em nenhum setor da vida', 'Bagunçar, tumultuar, querer atrapalhar' (fonte: dicionário online)
8	AR	Então é meio parecido com 'desarnar'. Não! Aquela outra palavra!
9	AP	Apiruado?
10	AR	Apiruado. Deve ser daí, a pipoca está pulando na panela.
11	AP	'Ele é um piruá, não consegue aprender nada nem na escola nem na vida' (leitura dos exemplos do dicionário), vivendo e aprendendo.
12	AR	Eu também nunca vi, se falarem para as pessoas, poucas sabiam o que que é.
13	AP	Mas volta lá no texto então: 'Piruá parece uma palavra indígena,



		é o milho que vai fazer pipoca e não estoura', agora a gente pode fazer uma metáfora com o piruá, fazer uma relação com as pessoas, a senhora conhece alguém que parece um piruá?
14	AR	Agora ficou velho, não tá mais incomodando!
15	AP	Então piruá pode ser três coisa, o milho de pipoca que não estoura, uma pessoa que, como estava?
16	AR	Pertubando, mas não era essa palavra
17	AP	Aqui: ' Pessoa que não aprende' Outro significado lá. (...)
18	AR	Porque ele quebra o dente se tu morder.
19	AP	Então é difícil conviver com piruá?
20	AR	É, ele não interage mas ele atrai.
21	AP	Bota a idéia dela ai (pedindo para a outra investigadora escrever o que AR está dizendo) (...)Tem a idéia de que é uma pessoa que não aprende nada né?
22	AR	Pessoa que não aprende nada nem na escola, nem na vida.
23	AP	Quando a senhora pensa nisso, quais as idéias que vem para a senhora?
24	AR	Que nós estamos trabalhando com a mesma figura, uma figura humana e uma coisa
25	AP	Alimento?
261	AR	Tratar como alimento? Ele também tratou lá no texto, e ele tratou como assim, ambígua.
27	AP	A gente também vai pensar assim: o que é ter um amigo piruá? O que é ser um piruá? O que é conviver com um piruá? Se a gente tiver um piruá, o que acontece com a gente?
28	AR	No comportamento, você pode ter um comportamento de piruá.
29	AP	Não se dá bem.
30	AR	Afinidade, não tem afinidade.
31	AP	Tem que imaginar que conviver com um piruá é difícil.
32	AR	É difícil.

33	AP	Dois piruás juntos se dão bem?
34	AR	Acho que um come o outro (risos)!
35	AP	Eu não sei se dois piruás se dão bem. Duas pessoas difíceis de mudar, cada um achando que está certo, a gente está trabalhando com a idéia de mudança né?
36	AR	Então não dá certo, no meu caso pode colocar que dois piruás, não dá certo!

Tabela 2: Transcrição de um episódio de Novembro de 2011.

Após duas sessões, o seu texto foi finalizado e publicado no blog (Anexo 3).

Ler e escrever e-mails possibilitou AR interagir em novas situações sociais, com acesso a diferentes gêneros como poesias, receitas, orações, dentre outras. De acordo com Rodrigues; Cerutti-Rizatti (2011), através dessa ressignificação da noção de gêneros, a variedade e a riqueza dos gêneros existentes, possibilita-se vivenciar inesgotáveis atividades. AR mostra-se bastante motivada a inserir-se em novas práticas de letramento, mesmo com a DA. Como nos diz Soares (1998b), o uso heterogêneo de leitura e escrita com diferentes finalidades no contexto social, permite que o indivíduo exerça sua cidadania e papel social em busca de autonomia, exercendo sua cidadania e empoderamento.

Ao escrever o seu próprio texto e tê-lo publicado num blog, AR torna sua escrita um "movimento dialético entre o local e o global", de acordo com Rodrigues; Cerutti-Rizatti (2011), participando ativamente de uma prática de letramento que hoje faz parte da realidade social de grande parte da população, a internet, como meio de acesso à informação, contemplando diversas formas de letramento nesta que é uma sociedade tecnológica, abrangendo múltiplas linguagens.

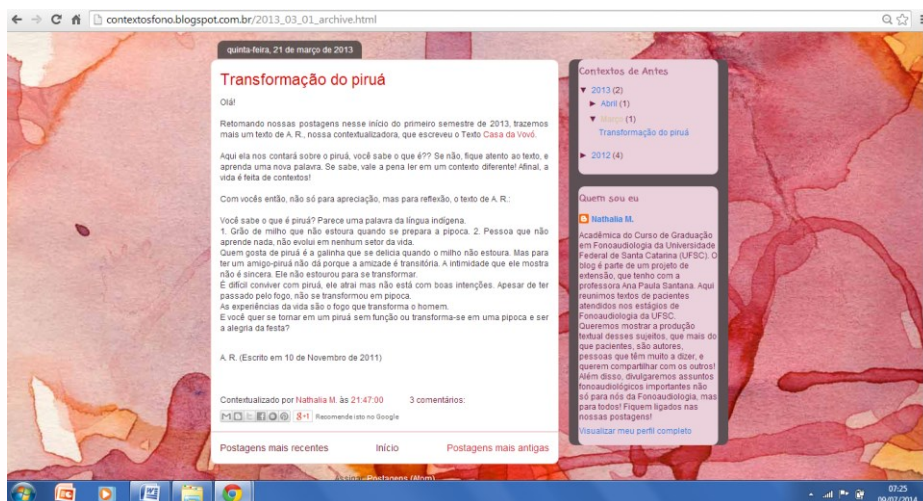


Figura 3 - Texto publicado em Blogspot em Novembro de 2011.

### 5.3 EPISÓDIO - USO DO FACEBOOK PARA SUA INTERAÇÃO SOCIAL (Data: 06.2014)

O Facebook surgiu em Fevereiro de 2004, começou por ser uma rede usada apenas por estudantes, mas foi ganhando espaço, tornando-se a rede social mais utilizada em todo o mundo. É uma rede social que permite a troca de informação e mensagens, proporcionando aos seus usuários aderir a grupos organizados para interagirem com outras pessoas de interesses comuns (MORAIS, ALVES E DIAS, 2011).

Foi criado um perfil no facebook para AR, com autorização da família, ressaltando a importância de sua inserção nas redes sociais, sendo oferecido à mesma uma interação social com seus filhos, parentes distantes e conhecidos. Moraes, Alves e Dias (2011) ressaltam que os contatos sociais desenvolvidos nestas redes têm grande impacto na interação entre os membros, transformando-as em ambientes de aprendizagem pelo dinamismo das suas potencialidades e objetivos de utilização, como também pela grande diversidade de públicos e interesses que permanentemente envolvem. Deste modo, o indivíduo relaciona-se com o outro, com as coisas, com discursos e práticas discursivas que permeiam possibilidades de subjetividade do mesmo.

Muitos são os gêneros que circulam nas redes sociais como fotos, receitas diversas, poesias, mensagens de auto-ajuda, pensamentos filosóficos, cartões montados com mensagens e fotos, dentre muitos outros. Muitos ainda não eram de conhecimento de AR, demonstrando dificuldade em compreendê-los. Num episódio, AR se depara

com um cartão on-line, que foi compartilhado por sua cunhada, sendo visualizado assim, por AR em seu feed de notícias.



Figura 4 - Cartão *on-line* retirado de rede social.

Segue a transcrição deste momento:

Linha	Sigla	Enunciado
1	Inv	Vamos entrar um pouco no facebook, D. AR?
2	AR	Vamos ((sorrindo)) (...)
3	Inv	Você lembra a sua senha?
4		...((falou-a corretamente, após 3 meses sem acesso)) (...)
5	AR	Ah::: meu nego véio...((olhando para a foto do irmão, com saudosismo)) ele é tão mais novo do que eu::brincalhão::risonho::
6	AR	- Esse "Alô papai" aí... que é de C.M ((cunhada)).deve ser neto dela neh: curtiu...manda curtir::
7	Inv	A senhora quer curtir?
8	AR	quero::
9	Inv	a senhora achou bonito?
10	AR	Ah...se for neto dela...é ...é ...neto de segunda linha...porque é neto do meu irmão... A C. é o que da senhora?

11	AR	é casada com meu irmão J...legal...não sei de quem é que nasceu ou não...
12	Inv	Vamos ler a mensagem...vamos ler o que está escrito? ((Percebendo se tratar de um cartão on-line, disponível na internet))
13	AR	Não é só:::ah:: ((olhando para a mensagem))(...)
14	AR	Ah então...o nenê veio com essa incumbência de...de o papai do céu mandou ele entregar as...muitas bênçãos nas casas das pessoas que está lendo... minha casa ((gesticulando com a mão no peito))
15	Inv	Isso...isso mesmo...e o que o bebê tá fazendo... como o bebê tá falando com o papai do céu?
16	AR	No celular? ((rissos))...eu não vi...eu olhei pra ele...as fisionomia e não enxerguei que ele tava no celular...
17	Inv	(...)a senhora achou legal e curtiu...certo?
18	AR	Curti...ali ela tá dizendo AR escreva um comentário...
19	Inv	é...se a senhora quiser escrever um comentário além de curtir...a senhora pode...se não quiser...não precisa...
20	AR	eu queria dizer que:: agradeço pelas as orações que o bebê...como é que chama o bebê na era:: [
21	Inv	da tecnologia?
22	Inv	Vamos escrever então?
23	AR	É... eu quero que...que a gente escreva antes de ir lá...porque não tá:: não tô depressa não...
24	Inv	Não tem problema...a gente vai escrevendo aqui...e se achar que tá bom ... a gente envia... tá bom? A senhora quer digitar? (...)
25	AR	Agradeço ao bebê da era::... digital?
26	Inv	pode ser...isso mesmo
27	AR	Agradeço as orações do bebê digital...
28	Inv	Óóh...agradeço ...
29	AR	ao bebê da era digital...naturalmente ele só podia... é... participar com a família desse modo mesmo...deu?
30	Inv	Vamos ler... vamos ler o que a senhora escreveu...
31	AR	" Agradeço ao bebê da era digital, naturalmente ele só podia"

		...poderia ((corrigindo o texto escrito)) "participar com a família desse modo mesmo"... modo...maneira? dessa maneira mesmo...fica mais bonito modo?
32	Inv	o que a senhora acha?
33	AR	ah:... "com a família"...dessa maneira mesmo...acho que maneira mesmo... ((rissos))
34	Inv	Deu?
35	AR	Deu...
36	Inv	Podemos mandar pra todos lerem...podemos comentar?
37	AR	Pode...não tá muito caloroso... igual a ele... ((sorriso))
38	Inv	então eu vou mandar...assim...a gente também comentou.

Tabela 3: Transcrição de um episódio de Junho de 2014.

O texto escrito para comentar ficou:

*Agradeço ao bebê da era digital, naturalmente ele só poderia participar com a família desta maneira mesmo!*

Os gêneros se constituem e se modificam historicamente no interior das esferas sociais. À medida que a sociedade se modifica culturalmente, novas situações sociais surgem e com elas, novos gêneros (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011), ressaltando que todo indivíduo apresenta bom desempenho em gêneros de seu domínio, e dificuldades em algumas esferas comunicativas por não dominarem o gênero desta esfera (BAKTHIN, 2003[1979]).

Esta dificuldade em relacionar-se com um novo gênero foi observado neste episódio, sendo que AR demonstrou dificuldades em compreender que a mensagem não se tratava de uma foto de alguém de sua família, e sim de uma montagem de computador, formando um cartão on-line, gênero ainda pouco conhecido, já que montagens no computador não fazem parte de seu contexto histórico nem de suas práticas de letramento.

Assim, destaca-se a importância do terapeuta como interlocutor, intermediando a compreensão da mensagem por AR, oferecendo à mesma a possibilidade de uma análise do contexto sócio-histórico e enunciativo do cartão. A percepção de que o bebê estava com o celular na mão também não foi interpretada por AR primeiramente, mas após o

trabalho conjunto de interpretação com a terapeuta, AR se sente a vontade para responder a mensagem recebida.

Mansur (2006) destaca que dificuldades com a representação bi-dimensional, assim como a clareza e redundância da informação visual podem influenciar o desempenho do paciente com DA. No caso de AR é importante analisar primeiramente se essa dificuldade é frequente ou se está relacionada ao gênero em questão. Considerando que a interpretação de imagens visuais foi uma atividade realizada em várias sessões (charges, fotos, jogos....) e AR não teve dificuldade, acredita-se ser esta uma dificuldade por se tratar de um gênero desconhecido para AR.

Ainda neste mesmo dia, no *Facebook*, sua filha compartilhou no perfil de AR uma mensagem, homenageando-a.

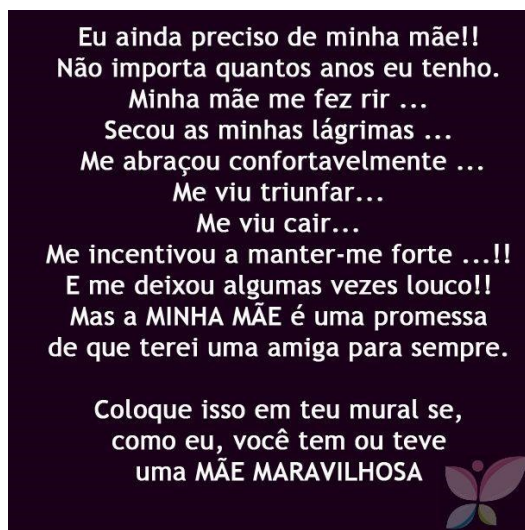


Figura 5 - Cartão on-line retirado de rede social.

Linha	Sigla	Enunciado
1	Inv	Esse ela postou pra senhora((filha de AR))... compartilhou com a senhora...vamos ler o que ela postou?
2	AR	" Eu ainda preciso de minha mãe!!Não importa quantos anos eu tenho. Minha mãe me fez rir...secou as minhas lágrimas..." e ela vai me fazer chorar..." me abraçou confortavelmente...me viu triunfar...me viu cair... Me incentivou a manter-me forte...e me deixou muitas vezes louco...mas a minha mãe é uma promessa de que terei uma amiga para sempre...Coloque isso em teu mural se como você...se como eu, você tem ou teve uma mãe maravilhosa" .

		Eitabicha boa...
3	Inv	E aí, vamos comentar? A senhora pode curtir, comentar ou compartilhar...a senhora gostou do que ela colocou pra senhora?
4	AR	MUItto....me deixou sensibilizada...essas lágrimas que ela diz...que eu fiz secar...ela me fez brotar nos olhos agora ...((com os olhos mareados))...
5	Inv	Vamos escrever alguma coisa prá ela então...vamos comentar isso? o que a gente pode escrever pra ela?
6	AR	((ditando para ser escrito)) Se... se consegui secar algumas...das lágrimas que caíram nos teus olhos, agora tu provoca nos meus... essas...vai repetir lágrimas, eu não sei se dá pra ler... secou as... deu pra você entender o que eu tô:: "se consegui secar algumas das lágrimas que caíram nos seus olhos... agora tu::provoca::" nos meus ...tu as provoca nos meus ...
7	Inv	Isso...tu as provoca nos meus... [
8	AR	Tu as provoca nos meus olhos...
9	Inv	Tu as provoca nos meus olhos...que ponto a gente coloca no final?
10	AR	Quê?
11	Inv	Ponto?
12	AR	é...(...) ((leu em silêncio))... eu como você...((ditando)) ah..mas, aí eu to aceitando ela dizer que eu sou tão maravilhosa...sou mais discreta... ((risos))
13	Inv	Mas a senhora pode aceitar ela dizer isso, ela está elogiando a senhora...
14	AR	Sim...mas quando ela faz aquele ali oh..."me deixou algumas vezes louco"... é ((rissos)) pelas maluquices que ela faz e ...quer fazer e:: a gente discute:: são coisas bem doidas... mais inconsequentes...
15	Inv	Mas...faz parte né?
16	AR	- é...tá bom aí... ((olhando para o texto)) eu não quero dizer nenhuma palavra que ela:: lembre::: que eu tô querendo chamar a atenção dela...((sorriso)) deixa assim...
17	Inv	- Deixa assim? Então vamos ler como é que ficou...



18	AR	- "Se consegui secar algumas das lágrimas que caíram dos seus olhos, agora, tu as provoca nos meus olhos"... então... lá já tinha olhos...nós temos que tirar...se botar assim oh... que caíram:: não... "se consegui secar algumas das lágrimas que caíram dos seus olhos..."dos TEus olhos ...não é não? "Agora, tu as provoca nos MEus... sem repetir olhos...
19	Inv	Quer mandar mais alguma coisa...um beijo...um abraço?
	AR	Te amo... e concordo que tu é uma...que triunfou..concordo que triunfaste...tá bom...
	Inv	" Se consegui secar algumas das lágrimas que caíram dos teus olhos, agora, tu as provoca nos meus. Te amo."
	AR	Mas ali, não é "das lágrimas"... não é um /R/ que tá ali?
	Inv	Isso mesmo...tá errado ali... ((arrumada a grafia)) ..." Se consegui secar algumas das lágrimas que caíram dos teus olhos, agora, tu as provoca nos meus. Te amo. Concordo que triunfaste." Tá bom? Posso mandar?
	AR	Pode... podia ficar escrevendo o dia todo ((com satisfação nos olhos))
	Inv	Gostou dessa homenagem que ela fez pra senhora?
	AR	UHmmm:::::demais::(...)

Tabela 4: Transcrição de um episódio de Junho de 2014.

Produção escrita de AR em forma de comentário:

*Se consegui secar algumas das lágrimas que caíram dos teus olhos, agora tu as provoca nos meus. Te amo! Concordo que triunfaste.*

Estudiosos relatam que a difusão de computadores interconectados em rede traz novas possibilidades e desafios. (...) vemos a multiplicação das propostas de uso das tecnologias de informação e de comunicação (TICs) visando processos de ensino-aprendizagem mais efetivos (TRACTENBERG; STRUCHINER, 2011) podendo ser observado no contexto de AR, quando a mesma vivencia eventos de múltiplos letramentos a cada sessão terapêutica, sendo inserida no meio tecnológico, culturalmente disseminado na sociedade atual, conhecendo novos gêneros discursivos, adquirindo novos conteúdos e, principalmente, se integrando na contemporaneidade.

Mas o uso das novas tecnologias, por si só, não garante essa efetividade. Sem conteúdos que sejam significativos para os aprendizes e métodos pedagógicos adequados, as chances de sucesso diminuem (TRACTENBERG; STRUCHINER, 2011), assim, ressalta-se a preocupação em sempre considerar-se seu contexto sócio-histórico-cultural, integrando-os às novas práticas de letramentos.

AR produz um texto poético, deixando transcender em suas palavras sentimentos e emoções, despertando no leitor a sensibilidade e comoção do amor de uma mãe ao ler uma homenagem de sua filha. AR se empodera do papel de "escritora", para tentar retribuir à filha as emoções sentidas, evidenciando que consegue trabalhar de forma metafórica sobre o texto. Nesse sentido, se afasta das características descritas na literatura de uma idosa com DA, mostrando que o grupo de pessoas que possuem essa doença não é homogêneo.

#### 5.4 EPISÓDIO - PRODUÇÃO ESCRITA - AUTOBIOGRAFIA - COM O USO DO COMPUTADOR

(Data: 11.2013)

AR tem preferência pela escrita ditada para a terapeuta no computador do que a escrita manual. Segundo ela, sua dificuldade com a coordenação motora, faz com que sua letra saia feia: ela não é bonita

A seguir, uma pequena amostra de seus manuscritos.

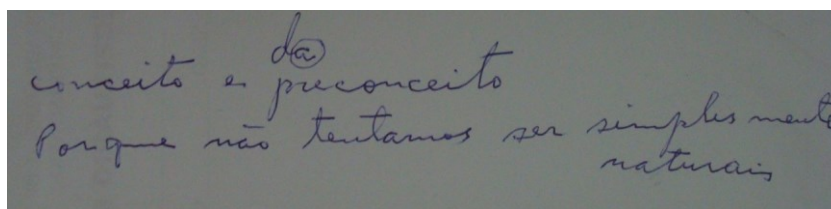


Figura 6 - Amostra de escrita de A.R.

Por sentir esta dificuldade motora, AR prefere fazer uma escrita ditada, onde o interlocutor digita, enquanto a mesma dita o seu texto, dando sempre a possibilidade de AR ler o que estava sendo digitado, participando diretamente de seu processo de escrita.

Um dos textos produzidos por AR traz um pouco de suas memórias e lembranças dos tempos em que estudou Enfermagem. A seguir, parte do texto produzido por AR:

*Estava querendo trabalhar com as minhas lembranças e veio a minha memória uma parte muito feliz da minha vida quando frequentei a Escola Técnica de Enfermagem, "Grace Memorial Hospital". Nesse período foi de muito rendimento na aprendizagem*

*da vida, crescimento na área espiritual, quando tomei a decisão por Cristo. A experiência espiritual nas reuniões devocionais e na experiência na área de enfermagem foi muito rica.*

*Na área espiritual desenvolvemos a evangelização, e participávamos do culto que era realizado todas as manhãs na capela do hospital. Cada dia uma pessoa era responsável pela elaboração da prática do culto. Com o objetivo de levar os ensinamentos de Deus àquelas pessoas.*

Turno	Sigla	Enunciado
1	AR	(...) Pois é...então eu queria dizer...o principal:...o começo...palavra inicial...é que:...estava:...querendo trabalhar com as minhas lembranças...e me veio a memória uma parte muito feliz...esse negócio de português...me veio a memória...isso tudo ...é...
2	Inv	Isso...vamos pensar na ideia primeiro...
3	AR	é... um período muito...muito feliz de... rendimento...de aprendizagem em toda área...na área ...crescimento na área espiritual...que foi lá que eu fiz a decisão pela essa <i>regilião</i> ... eu entrei lá...como::: qualquer leigo neh...mas...lá eu tomei a decisão por Cristo...e::: a experiência espiritual...também é:::nas reuniões devocionais diárias e de oração também...devocionais e de oração...
4	AR	(...) É...devoção a Nossa Senhora...devoção à...à Cristo ((levantando as mãos)) ... devoção aquele objeto...pode ser pessoa...pode ser... hoje tô devoTAda à minha profissão... ((explicando a palavra devocionais ao digitador))
5	AR	Como é que nós tamos? (se aproximando do computador, para ler o que ditou)) e lê:" crescimento na área espiritual::" por onde...
6	Inv	(...) Me ajuda a corrigir, eu digitei super rápido...
7	AR	Tá...então vamos..."estava querendo trabalhar com as...acho que não precisa as...só minhas lembranças..." acha que tá bom?" estava querendo trabalhar com minhas lembranças... e... veio...sem mim... e veio... a minha memória"...uma parte muito

		feliz...muito feliz ... di...da minha vida...como que eu vou fazer, minha vida o que? ...minha vida...((fazendo gesto de dúvida com as mãos))
8	Inv	Da minha vida...da minha profissão...
9	AR	Não...por que aí...eu não quero trabalhar...como que é profissão...se a gente botasse aquele negócio assim...minha vida::.....por fases...dividindo por fases...
10	Inv	Ahh:: Vamos ver...((sugerindo ler novamente o texto))
11	AR	" e veio a minha memória uma parte muito feliz..."
12	Inv	De uma fase da minha vida?
13	AR	..." uma parte feliz da minha vida" já tá dizendo que é uma parte...
14	Inv	Ahh tá..." uma parte feliz..."
15	AR	" muito feliz da minha vida..."quando frequentei... a ...é:: Escola Técnica...é letra maiúscula neh... Escola Técnica com letra maiúscula ((apontando para as palavras))...Técnica também... de Enfermagem..
16	Inv	Enfermagem com letra maiúscula também?
17	AR	Não...
18	Inv	Não?
19	AR	Não...sim...senão não diz que curso é..." Técnica de Enfermagem"...o nome da escola só põe...a...a vírgula prá dizer o nome dela...GMH...
20	Inv	Gracie? Como se escreve? [
21	AR	Grace (lê-se greice)... é G ...é igual ao nosso Grace (lê-se grace)...é ...não...com I não... (( e pega a caneta para escrever para o Inv 2))... CE... ((aponta a caneta na tela do computador)..oh...correto...Grace MH. Era o nome da escola...isto...aí...podemos dizer assim...nesta escola... nesse período...nesse período porque...a experiência não foi só...na enfermagem...

22	Inv	Uhhmm:::
23	AR	Teve...teve::: espiritual...teve... relações de amizade...relação de namoro:::tava naquela fase [
24	AR	(...) então tá...o que eu disse...((voltando para a escrita do texto))"nesse período..."então...eu quero dizer que foi:: muito:: rendimento... foi de muito rendimento na aprendizagem da vida... vivencial...da vida...crescimento na área espiritual... e "tomei a decisão por Cristo"...é...
25	AR	não sei se por onde tomei ou QUANdo tomei ... quando tomei "a decisão por Cristo" ...Cristo é letra maiúscula...((apontando para a palavra escrita))
26	Inv	Ahh...é verdade...
27	AR	Isto é Cristo::: ((risos))...tá... " a experiência"...tá... " a experiência por Cristo...tá...então botei..." a experiência espiritual nas reuniões devocionais" e a experiência na área da enfermagem foi muito::: rica...além de riqueza...(e relê) " a experiência espiritual nas reuniões devocionais"... acho que a gente põe outro...oh...parágrafo...que agora vamos falar de experiências... aqui já disse::: é...quero trabalhar lembrando dessa... fase da escola...e agora...eu digo que tive experiências lá... então começa um capítulo falando do tipo de experiência que foi lá:::...espiritual...quando desenvolvia o trabalho de evangelização:::

Tabela 5: Transcrição de um episódio de Novembro de 2013.

Para a elaboração de um texto biográfico, AR trabalha suas lembranças e memória. A memória é, dessa forma, tida como prática social, historicamente constituída e organizada pela linguagem. Cruz (2004) concebe a memória como sendo toda palavra, todo enunciado e toda enunciação de um passado discursivo, os quais foram constituídos na cultura. Seu texto torna-se uma recordação partilhada para o sujeito e ao mesmo tempo para o interlocutor, organizando as funções mentais.

Damasceno (1999) afirma que dentre as alterações de linguagem que aparecem na fase inicial da DA cita-se alterações de mecanismos de coesão e coerência textual, dificuldades com acesso e manutenção de tópicos, não sendo observados no texto de AR, sendo que a mesma se utiliza de atividades metalinguísticas e epilinguísticas para manter a coerência e coesão de seu texto, como se pode perceber no turno 7, 15 e 25.

A atividade característica do plano metalinguístico é a capacidade de falar sobre a linguagem, descrevê-la e analisá-la como objeto de estudo, ter a capacidade para explicitar regras gramaticais além de outros aspectos concernentes a sua estrutura e funcionamento, já as atividades epilinguísticas têm por objetivo proporcionar ao usuário da língua oportunidade para refletir sobre os recursos expressivos de que faz uso ao falar ou escrever. Ao realizar tais atividades, o sujeito reflete sobre os recursos que estão sendo utilizados no processo comunicativo em questão (GERALDI, 1993).

Considera-se que AR realiza um trabalho de reflexão sobre a linguagem, se utilizando de conhecimentos prévios para a construção de um texto, agindo para criá-lo e transformá-lo em função destas reflexões, além de ter conhecimentos prévios da estrutura gramatical e aplicá-la em seu texto. Consegue integrar os dois domínios, garantindo a compreensão dos conteúdos e procedimentos envolvidos em ambas as atividades, num texto coeso e coerente.

A literatura nos traz que a fase inicial da DA é acompanhada de problemas semântico-lexicais similares aos encontrados na afasia semântica ou na afasia transcortical sensorial. O sujeito esquece ou troca palavras, mostrando linguagem elíptica com empobrecimento do vocabulário, sendo o que resta constituído especialmente de substantivos de baixa frequência e nomes próprios. Há parafasias semânticas, pleonasmos, excesso de dêiticos e perífrases além da anomia (DAMASCENO, 1999; NOGUCHI, 1997), o que não encontramos na linguagem de AR, já que a mesma mantém os tópicos durante o processo de elaboração da escrita, dialoga com o interlocutor sobre seus momentos pessoais e retorna à escrita, mantendo o conteúdo e fio da meada de seu enunciado e texto escrito, analisa a melhor palavra a ser colocada no texto (turno 7, 24 e 25).

Ressalta-se que o interlocutor não contradiz os enunciados de AR, apenas os complementa quando necessário e a interpela de forma adequada, permitindo que a mesma organize sua linguagem. Há de se considerar aqui que as práticas de letramento de AR podem ter implicações significativas para que ela consiga manter por mais

tempos esse tipo de atividade linguística, o que a literatura na área da neuropsicologia tem chamado de “reserva cognitiva”:

O construto da Reserva Cognitiva (RC) é definido como a capacidade de ativação progressiva das redes neuronais em resposta das necessidades crescentes, sendo um processo normal, utilizado pelo cérebro saudável durante a execução de tarefas intelectuais e cognitivas. A RC não é estável ao longo da vida e o seu estado deve-se a um conjunto de fatores como os genéticos, exposições pré-natais, influências precoces, saúde física, fatores socioeconômicos, escolaridade, tipo de ocupação e atividades de lazer (STERN, p. 1006, 2012).

Acredita-se que o cérebro de AR tolere uma certa quantidade de lesão sem o aparecimento de sintomas, devido a sua RC, se traduzindo num "atraso" da expressão clínica do processo neurodegenerativo. O que nos faz acreditar na hipótese acima citada, são estudos que apontam que o nível de escolaridade e socioeconômico, as atividades físicas e de lazer, bem como a ocupação profissional realizadas ao longo da vida do sujeito, tenham um grande impacto na RC (SOBRAL; PAÚL, 2013).

## 5.5 EPISÓDIO - PESQUISA NO GOOGLE SOBRE A CIDADE QUE AR NASCEU (Data: 12.2013)

Com a escrita de seu texto, "Enfermagem", acima citado, uma pesquisa no google foi realizada com a busca do mapa da Bahia, para que AR localizasse sua cidade natal e também a região em que fez seu curso de enfermagem.

Turno	Sigla	Enunciado
		((mostra no computador, o mapa da Bahia))
1	AR	É ...((olhando para o mapa)) Seabra também...mas...de falar de pedras...assim... Palmeiras também não é pedras...Seabra...não lembro desse nome...Itaberaba...tinha uma aluna que era dessa cidade:...
2	Inv1	É sul da Bahia? É norte da Bahia? Em que lugar fica da Bahia?
3	AR	Ela fica no centro... ((sem tirar os olhos do Mapa, tentando localizar))... lá no Sertão...
4	Inv1	É de Feira de Santana, alguma coisa?
5	AR	Não... lá pra`queles sertão que tem aquela cidade que::....que aquele

		pastor foi...é::...planta tomate com aqueles...vou ver Feira de Santana ((apontando no mapa))...mas ele vai pra...
6		(...)...ah...eu passei aqui...Bom Jesus da Lapa...que é uma cidade muito conhecida...que está no rio São Francisco...Santa Maria da Vitória era:: também no rio São Francisco...( ) eu não conheci...tinha uma colega de Januário...tudo era o rio São Francisco...então eu acho que ele foi ...aqui nessa cidade teve o campo de missões...que aí não era escola de enfermagem...era:...escola ( ) normal e:::professora...
7	Inv	A Senhora nunca mais voltou lá?(( se referindo a sua Cidade Natal))
8	AR	Não...
9	Inv	A senhora tem parente lá ainda?
10	AR	Nessa...onde eu estudei?
11	Inv	Em Lençóis...a senhora não era de Lençóis não?
12	AR	Não...eu era de Miguel Calmón...lá perto de Jacobina...
13	AR	(...) Miguel Calmón tá perto de Jacobina...de Feira de Santana...OH ((apontando no mapa))..feira::
14	Inv	(...)Vamos agora ver a cidade de Miguel Calmón pelo Google Earth...dá pra ver a cidade inteira D. AR...a senhora nem precisa ir até lá...basta ver daqui... ((enquanto AR olha vidrada o computador))
15	Inv	Nossa...que região boNlta D. AR...
16	AR	É:: ((apontando uma das fotos)) chama-se Serra das almas...é prá lá que tão as terras do meu:: da minha família...
17	Inv	Mas...tem alguém lá ainda?
18	AR	Tem
19	Inv	Tem quem...suas primas...sobrinhas?
20	AR	...esse tipo de parentesco também...mas...tem irmão...
21	Inv	Ah...seu irmão mora aí?
22	AR	- É...esses ...essas fazendas desse lado daqui...((apontando na imagem)) é quase na totalidade ficô para...um irmão mais velho D...e o outro...nas terras pra lá que é do...do V...e a A. que casô com um primo...ele ficô com umas terras que fica do lado de cá...então tem três morando lá...
23	Inv	A senhora morava assim...num sítio?



24	AR	Eu nasci num sítio...a gente chamava de fazenda...fazenda almas...
25	AR	(...) A igreja...então...foi daqui que o pastor mandou a carta...
26	Inv	Mandou o que?
27	AR	Mandou a carta de apresentação... ((se referindo a carta citada no seu texto))
28	Inv	(..) Antiga estação ferroviária
29	AR	... aah:::é...peguei muito::: o trem aí...quando fui pra Salvador...a primeira vez...eu ia de trem...eu adorava porque a gente saía de tarde e ia chegar no OUTro dia lá...

Tabela 6: Transcrição de um episódio de Novembro de 2013.

No mapa AR consegue mostrar boa representação e localização espacial, identificando as regiões e localizando-as geograficamente, não apresentando dificuldades viso-espaciais

Os estudos nos trazem problemas de memória como principal característica da DA (MORATO, 2008) assim, trabalhar com mapas da região em que viveu na infância e fotos dos lugares que frequentava, buscando na memória lembranças de seu passado, tornando mais reais lembranças-imagens de lugares que passou, favorecem o trabalho da produção textual, permitindo que AR reflita sobre a escrita a partir de um conhecimento de vida que ainda está preservado em sua memória. Quando observa no computador, a foto da Igreja da cidade, retoma a questão da carta (linha 25), que se refere em seu texto escrito. Fotos da antiga estação ferroviária também possibilitam AR relembrar fatos vividos. Observa-se ainda nos enunciados a presença de recursos como pausas e hesitações, que evidenciam o trabalho que ela realiza sobre os recursos da língua para elaborar seus enunciados.

As memórias de eventos passados, memórias episódicas são as que mais estão preservadas na DA. Para Greenberg e Rubin (2003), a memória autobiográfica (MA) se caracteriza inicialmente como memória episódica, armazena informações autobiográficas, porém, ultrapassa a mera evocação de informações semânticas acerca de si mesmo, pois o sujeito ao recordá-las tem consciência da vivência daquele evento como experiência própria. Para Conway (2005), tanto a memória episódica quanto a MA envolvem atributos perceptivos, subjetivos e sensoriais, o que as distingue definitivamente da memória semântica.

Observa-se também na fala de AR, um grande volume de elementos como pausas, prolongamentos, hesitações, repetições essenciais para a organização do discurso e que revelam a ocorrência de atividades epilinguísticas. Estas atividades são simultâneas às atividades linguísticas e geralmente não interrompem o fio do discurso, ao mesmo tempo em que permitem ao sujeito mudar/corrigir o rumo de seu dizer, adaptar o enunciado ao outro – inclusive monitorando o grau de formalidade, o uso do vocabulário, as estratégias de persuasão, de acordo com Novaes-Pinto e Beikel (2008), estes processos fazem parte de uma competência pragmática e discursiva, que é justamente o que pode estar alterada no início dos quadros de DA.

Acredita-se que a partir da inserção dos múltiplos letramentos na vida de AR, promoveu-se sua capacidade de pensar, produzir e partilhar a riqueza material e cultural na sociedade atual. Com a pesquisa no Google, possibilitou-se que tanto relembresse os lugares que já conheceu como conhecesse lugares que nunca esteve e outros que nem sabia que existiam, ou seja, permitiu o aprendizado do novo. Dentre muitas pesquisas no Google, AR comentou “Assim é bom né, passeio e conheço lugares do mundo todo sem nem me cansar, é uma maravilha!” mostrando-se satisfeita com seu acesso a esta diversidade tecnológica, tão disseminada nos dias atuais, que AR está sendo inserida.

Ressalta-se que para a inserção de AR no meio tecnológico, seu conhecimento de mundo é valorizado, assim como suas práticas de letramento. Para Leite e Botelho (2011), é primordial que se conheça sua história cultural para que o trabalho seja efetivo, facilitando o aprendizado, tornando-o mais prazeroso e contextualizado com suas vivências.

## 5.6 EPISÓDIO - USO DO *TABLET* PARA JOGOS *ON-LINE* - JOGO *FLOW FREE*

(Data: 08. 2013)

Este é um aplicativo oferecido gratuitamente na internet, sendo necessário a tecnologia TouchScreen, uma tela sensível ao toque - leve pressão para ser jogado. Assim, para o acesso a esta tecnologia, foi utilizado um *tablet* da própria paciente para a realização desta atividade.



Figura 7 - Imagem do aplicativo usado no *tablet*.

A proposta do jogo é bastante simples. A ideia é ligar dois pontos da mesma cor, seguindo a regra básica de que dois caminhos não podem se cruzar, caso contrário as tubulações (caminhos) serão destruídas no processo. Conforme o jogador vai avançando nas fases, as dificuldades aumentam. (<http://www.baixaki.com.br/android/download/flow-free.htm#ixzz3B2JJdK9p>)

Pensou-se na inserção da paciente nessa tecnologia avançada para trabalhar aspectos cognitivos (atenção, percepção, raciocínio, memória) além da motricidade fina, já que a disgrafia é um dos sintomas da DA, de acordo com Carthery e Parente (2012). AR relata muitas vezes pouca sensibilidade nos dedos das mãos e enrijecimento em seus movimentos.

#### 5.6.1 - Dia 1

Linha	Sigla	Enunciado
1	AR	Aquele joguinho de bolinha eu adorei...
2	Inv	vamos tentar ligar...vamos tentar jogar?
3	AR	Como é mesmo que você...(( fazendo os gestos para ligar os pontos))
4		(...)

5	AR	Vamo... ahh tá:: é...aqui que liga sem passa:: cruzando? ((lembrando do que aprendeu em semanas anteriores))
6	Inv	Isso mesmo...não pode cruzar... vamos lá...qual a cor que a senhora vai fazer?
7	AR	vou fazer... esse (( já jogando))...OPA... ((reclamando que não ligou os pontos))
8	Inv	A senhora tem que segurar...de uma ponta até na outra bolinha...isso...conseguiu viu... e agora...qual a senhora vai fazer?
9	AR	((jogando))...sabe...esse negócio é bom pra minha mão dormente... ((permaneceu super concentrada jogando, até completar a primeira rodada))
10	Inv	(...) e agora...o que a gente faz? a senhora passou...consegue ler em inglês? ((referindo-se as informações dadas pelo jogo em Inglês))
11	AR	- não..."perfeito...você completou:::level"...eu não sei... ((leitura sendo traduzida))
12	Inv	como não consegue...traduziu melhor que eu...((risos))...depois que termina a primeira fase...lembra ... <i>Next</i> ...
13	AR	Próximo...
14	Inv	Isso:: próximo...next level...próximo nível... como a senhora já finalizou...passa para o próximo level... ((e muda ))
15	AR	((Terminou mais algumas jogadas, se mostrando satisfeita, batendo até palmas para si))
16	Inv	show de bola...muito bom...muito fácil...a senhora já está pegando jeito...vou dificultar pra senhora...
17	AR	Ooohh::: então eu não vou ficar muito entusiasmada não...que aí você...aperta...((risos))

Tabela 7: Transcrição de um episódio de Agosto de 2013.

### 5.6.2 Dia 2 - Semana seguinte

Linha	Sigla	Enunciado
-------	-------	-----------

1	Inv	A senhora conseguiu usar o <i>tablet</i> em casa?
2	AR	É::: só mentalmente fiquei jogando...fiquei dizendo...é::: ((fazendo gestos com as mãos...nas posições dos botões do <i>tablet</i> , sem o mesmo na mão)) ... a gente liga aqui...depois bota o dedo lá...e vem pra cá...
3	Inv	mas, porque a senhora não ligou ele?
4	AR	Porque na hora que eu estava disponível pra jogar eu::: eu não estava disponível no lugar...ou com as mãos...tava na cidade... aí...bota o dedo lá...e vem pra cá... ((risos)) (...)

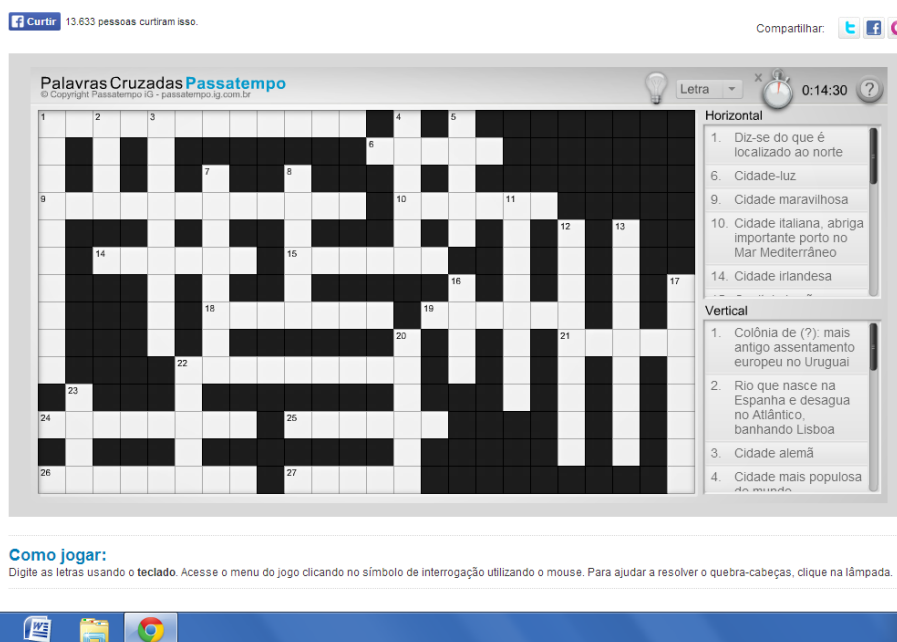
Tabela 8: Transcrição de um episódio de Agosto de 2013.

A própria paciente ressalta a importância do jogo para trabalhar sua queixa (turno 9), mostrando-se muito concentrada na atividade, conseguindo completar as provas, passando para os níveis seguintes. Aqui, destaca-se seu empoderamento, observado no turno 15, onde AR bate até palmas para seu desempenho, acreditando em seu poder de “ganhar” o jogo, ressaltado ainda no turno 17, ter consciência de suas capacidades, informando a terapeuta nas entrelinhas que não iria demonstrar todo o seu potencial.

AR realiza várias jogadas sem dificuldades, demonstrando atenção, percepção e raciocínio para o jogo. Percebe quando realizou a jogada errada, se corrige rapidamente e continua.

### 5.7 EPISÓDIO - PALAVRAS CRUZADAS *ON-LINE* E PESQUISA NO GOOGLE (Data: 03.2014)

Em muitas oportunidades são realizadas palavras cruzadas durante as terapias, para que AR trabalhe sua memória, nomeação, relembre conhecimentos gerais e ainda, é oportunizado novos conhecimentos, já que quando não sabe alguma das palavras solicitadas no jogo, uma pesquisa no Google é intermediada pela terapeuta, para que AR tenha a possibilidade de ler e aprender algo novo, completando o jogo.



( <http://passatempo.ig.com.br/jogos/palavras-cruzadas/>)

Figura 8 - Imagem de site.

Linha	Sigla	Enunciado
1	AR	É Rio de Janeiro..."Cidade Luz"...
2	Inv	É do mundo inteiro...
3	AR	Ah:::...então é Paris...
4	Inv	Isso... agora sim...essa a senhora vai saber...
5	AR	Agora é... cidade maravilhosa? Então é Rio de Janeiro... "Cidade que abriga importante porto no mar mediterrâneo".(...)
6	Inv	Essa a senhora sabe...eu não sei...olha...
7	AR	"Capital alemã"? Não:::... Sabe sim::
8	Inv	Sei? Quem é?
9	AR	Ai:: que doida...toda hora tá passando lá onde a Angela Merkel mora...é a primeira ministra...não é a presidente...
10	Inv	É essa cidade? ((apontando para a pesquisa do google))
11	AR	É Berlim...é::: (...)(( comentou sobre o Muro de Berlim e a Segunda Guerra Mundial)) (...)
12	Inv	A pergunta é...Portugal e... principais países que compõe a Península Ibérica...
13	AR	Ahh... Nunca soube... mas vou aprender agora.. Outro dia eu li isso...
14	Inv	Quem compõe ...a senhora não sabe?

15	AR	Não... ÔOooh coisa diFícil... ((Arruma o óculos e se aproxima do computador))
16	Inv	Eu vou abrir pra senhora... ((abrindo uma página da pesquisa))... olha quem faz parte...
17	AR	Só DOis?... Portugal e Espanha? ((lendo no google))
18	Inv	Pouquinho neh?
19	AR	É...eu pensei que tinha uns cinco... igual tem em outra região... ali... não sei... se é os países baixos...não sei o que lá perto da Inglaterra ( ... )
20	Inv	São três países principais...Portugal, Espanha e...Andorra...Andorra é um país?((lendo no google))
21	AR	Poisé...e:: " um território britânico"...Gibraltar...por isso que eu falei::: só DOis?
22	Inv	Então são quatro... na verdade são quatro...( ) Imagens da Península Ibérica...aqui oh...Portugal, Espanha, Andorra...
23	AR	não...mas tinha um outro nome...
24	Inv	Aqui é a Ilha de Gibraltar
25	AR	ah...Gil:: Gil:: Gilberto Gil ((rindo por sua dificuldade em pronunciar Gibraltar)) ( ... )
26	AR	Onde fica Andorra... "é um pequeno país localizado ( ) nos pirineus entre o nordeste da Espanha e o sudeste da França"...então ele tá mais lá em cima::França e Espanha... ((procurando no Mapa))
27	AR	( ... ) Portugal tá longe
28	Inv	Portugal tá longe mesmo...
29	AR	Gilba:: Gil:: ( ... ) Ah::: é um estreito ( ... )Então...como é um estreito...ele tá do lado da Espanha...vizinho com quem...aquele lugar lá...do Marrocos...Argélia...( ... ) que nos vamos saber... que... que Andorra tá lá em cima perto da França ... ( ... ) E Gibraltar está perto da...al:::
30	Inv	África...
31	AR	É a::: Argélia.( ... )

Tabela 9: Transcrição de um episódio de Março de 2014.

Sendo a nomeação a principal atividade linguística realizada neste jogo de palavras cruzadas, observa-se que AR apresentou dificuldades apenas em palavras de pouco uso e baixa frequência, ou mesmo por não-conhecimento (linhas 11 e 17) sendo que suas respostas revelam um sujeito imerso no contexto atual, político e social (linhas 9 e 11). Embora a literatura descreva as dificuldades de nomeação e principalmente, em seleção de nomes próprios nas demências (NOVAES-PINTO; BEILKE, 2008), como uma das principais características do estágio inicial da DA, não é o que observamos com AR.

Novaes-Pinto; Beilke (2008) destacam nesta perspectiva, o papel do sujeito, como aquele que trabalha sobre os recursos da língua para produzir discursos significativos e que luta para preservar sua identidade e restaurar um equilíbrio de alguma forma abalado pela patologia, podendo-se observar essa luta nas palavras de AR quando a mesma reforça que se não sabe, tem interesse em aprender, não se satisfazendo com a falta do conhecimento (linha 13). Demonstra-se disposta a encarar as dificuldades.

Ainda podemos verificar que AR adquire novos conhecimentos com atividades vistas neste episódio (linha 13), vindo ao encontro de pesquisa realizada na Escola Paulista de Medicina (XAVIER et al., 2004) com Ambiente de Inclusão Digital e Tele-Reabilitação Cognitiva para Idosos com diagnóstico de Doença de Alzheimer, onde os autores afirmam que os sujeitos que se encontram em estágios iniciais de DA também são capazes de adquirir novos conhecimentos, possibilitando adiar a evolução da doença. Podemos interpretar suas respostas como criativas, adequadas e evidenciam um trabalho altamente complexo, revelando habilidades linguístico-cognitivas preservadas, o que seria contrário ao diagnóstico.

Com a transcrição e análise destes episódios, pode-se perceber AR inserida em eventos de múltiplos letramentos, ressignificando assim suas queixas e constituindo-se em um sujeito que ainda é capaz de “estar” e “agir” no mundo apesar de seu diagnóstico de DA.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das reflexões realizadas durante a pesquisa, observou-se que a doença de Alzheimer apresenta diferentes níveis de comprometimentos cognitivos, começando com surgimento de sintomas muitas vezes despercebidos que vão progredindo, ao longo dos anos. É importante ressaltar que as pessoas com DA não configuram-se como um grupo homogêneo. Muitos são os fatores que interferem na forma e no grau em que estas manifestações clínicas se apresentam. A reserva cognitiva tem sido destacada na literatura como fator importante para a manutenção cognitiva e é influenciada por fatores sociais, econômicos e culturais, bem como atividades físicas e profissionais que o mesmo exerceu durante toda sua vida (STERN, 2012).

A experiência vivenciada ao longo da pesquisa revelou que atividades linguístico-cognitivas podem ter um impacto significativo na vida de sujeitos com DA. Acredita-se que os eventos de múltiplos letramentos possibilitaram, junto a interlocutores qualificados (profissionais da saúde e familiares), que AR continuasse a manter-se como sujeito no jogo dialógico da linguagem e, conseqüentemente, da vida, promovendo a manutenção da reserva cognitiva e favorecendo suas práticas sociais.

Constatamos que a participação de AR em novos eventos de letramento digital favoreceram sua inserção em práticas sociais ainda inexploradas, promovendo novas relações de AR com o texto, o que teve implicações tanto para a subjetividade de AR quanto suas ações sobre o mundo. Além disso, a aprendizagem de AR nessas práticas escritas evidenciou a possibilidade de um sujeito com demência realizar novos aprendizados e se envolverem com o letramento digital, mantendo sua autonomia, adiando sua dependência.

Esse trabalho aponta assim, para a importância de terapia fonoaudiológica que considerem tanto as práticas de letramento quanto novos eventos de letramento digital como possibilidades de trabalho na DA. Nesse sentido, um atendimento baseado em uma perspectiva da neurolinguística-enunciativo-discursiva, favorece uma terapia com o sujeito a partir de práticas sociais que revela-se singular a partir do momento que compreende a constituição subjetiva a partir dos aspectos histórico-sociais.

Em suma, esse estudo de caso coloca uma questão importante: a aprendizagem na DA ainda é possível, mesmo quando se tem uma doença degenerativa, pelo menos em seu estágio inicial. Essa afirmação precisa, evidentemente, de pesquisas com um

maior número de sujeitos para que se possa discutir até que ponto os aspectos sociais influenciam os aspectos cognitivos. Ressalta-se assim, a importância de mais trabalhos para que se possa analisar com mais profundidade as singularidades da Doença de Alzheimer, refletindo assim, em tratamentos mais específicos à realidade de cada sujeito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO brasileira de normas técnicas. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002. 7 p.

\_\_\_\_\_. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002. 24 p.

BARROS, R. C. B. A singularidade da Clínica Fonoaudiológica. Campinas, SP: RG, 2012.

BAUMAN, Z. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

\_\_\_\_\_. [VOLOCHÍNOV, V. N.]. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988 [1929].

BRAAK, H; BRAAK, E. Neuropathological staging of Alzheimer-related changes. *Acta Neuropathology*, 82, 1999. pp. 239-259.

BRASIL, 2002. Portaria nº 703/GM, de 12 de abril de 2002 na lei: Lei N.º 10.741, de 1º de outubro de 2003. Disponível em: <http://www.sesa.pr.gov.br>, acessado em 30.10.13.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Novo Código Civil Brasileiro. Legislação Federal. [sítio eletrônico internet - planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm) - Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm)

CARTHERY, M. T; PARENTE, M. A. M. Leitura e escrita em pacientes portadores de demência. In: ORTIZ, K. Z. *Distúrbios Neurológicos Adquiridos*. São Paulo: Manole, p.354-365, 2010.

Conway, M. A. (2005). Memory and the self. *Journal of Memory and Language*. 53, 594-628.

COUDRY, Maria Irma. *Diário de Narciso: afasia e discurso*. São Paulo: Martins Fontes, Brazil, 1988.

CRUZ, F. M. uma perspectiva enunciativa das relações entre linguagem e memória no campo da Neurolinguística. 2004. 204p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

DAMASCENO, B. P. Neuropsicologia da atividade discursiva e seus distúrbios. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 147-157, 1990.

\_\_\_\_\_. Envelhecimento cerebral: o problema dos limites entre o normal e o patológico. *Arquivos Neuropsiquiatria*, São Paulo, n. 57, p. 78-83, 1999.

DSM-IV. American Psychiatric Association Diagnostic and statistical manual of mental disorders. 4th ed. Washington, DC: American Psychiatric Association, 1994.

- FANTI, M. G. C. di. A linguagem em Bakhtin: pontos e prespontos. VEREDAS - Rev. Est. Ling. Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, jan./dez. 2003. p.95-111. Disponível em <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo32.pdf>>.
- FARACO, C.A. Linguagem & Diálogo. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FRANCHI, C. Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem. (Tese de Doutorado). UNICAMP. Campinas. SP. 1977.
- FREITAS, M.T.No fluxo dos enunciados, um convite à pesquisa. In: FREITAS, M. T.; RAMOS, B. *Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.
- GERALDI, J. W. Portos de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GOMES, J. B. A linguagem em sujeitos com Demência de Alzheimer, sob a ótica de uma concepção enunciativo-discursiva. Estudos Linguísticos XXXVI (2), maio-agosto, 2007. p.293-300. Disponível em <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/60.PDF>>.
- GREENBERG, D. L., & RUBIN, D. C. The Neuropsychology of autobiographical memory. Cortex, 2003. 687-728.
- HAMILTON, M. Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: BARTON, D; HAMILTON, M; IVANIC, R (Org.). *Situated literacies*. London: Routledge, 2000. p. 16-34.
- HEATH, S. B. What no bedtime story means: narrative skills at home and school. *Language in Society*, n.II, p. 49-76, 1982.
- IBGE, 2007. Demografia:Transição Demográfica no Brasil. Disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)
- INSTRUÇÕES do jogo flow free. Disponível em: (<http://www.baixaki.com.br/android/download/flow-free.htm#ixzz3B2JJdK9p>)
- KEARNS, K. Qualitative research methods in aphasia: a welcome addition. In: *Aphasiology*, v. 13, n. 9-11, p. 649-650, 1999.
- LEITE,J. A. O.; BOTELHO, L. S. Letramentos múltiplos uma nova perspectiva sobre as práticas sociais de leitura e escrita. *Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery*. N. 10, JAN/JUN 2011. Disponível em <<http://re.granbery.edu.br/artigos/NDMx>>.
- LURIA, A. The working brain. London: Penguin Books, 1981.
- MACHADO, J. C. B. Diagnóstico Clínico da Doença de Alzheimer. In: *Compêndio de Neuropsiquiatria Geriátrica*. TAVARES, A. e.d. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, RJ. p. 269 - 292, 2005.
- MAHENDRA,B; ARKIN, S. Effects of four years of exercise, language, and social interventions on Alzheimer discourse. In: *Journal of Communication Disorders*, 36 (2003).p.395-422. Disponível em: [www.sciencedirect.com](http://www.sciencedirect.com)
- MANSUR, L. L. et. al. Teste de nomeação de Boston: desempenho de uma população de São Paulo. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri, v. 18, n. 1, p. 13-20, jan-abr, 2006.

\_\_\_\_\_. et al. Linguagem e cognição na doença de Alzheimer. *Psicologia Reflexão e Crítica*. vol.18, no.3, P.300-307. Porto Alegre Sept./Dec. 2005. Disponível em : <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000300002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722005000300002&script=sci_arttext)>.

MARCOPEL, R; SANTANA, AP. (orgs.) A experiência de si na afasia: quando o que está em jogo é a subjetividade. In: *Perspectivas na clínica das afasias: o sujeito e o discurso*. Ed. Santos, 2009. p. 71-101.

MEBANE-SIMS, I. Alzheimer's disease facts and figures. *Alzheimer's & Dementia*, 5, 234-270. 2009.

MORAIS, L.M.C.; ALVES, P.; DIAS, P. Redes sociais na aprendizagem. In: *Educação e tecnologias : reflexão, inovação e práticas / org. de Daniela Melaré Vieira Barros...[et al.]*. - Lisboa: [s.n.], 2011. – 517p.

MORATO, E. Neurolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. O caráter sociocognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. *Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 157-177, jan.-jun. 2008.

MURDOCH, B.E. *Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem: Uma abordagem Neuroanatômica e Neurofisiológica*. São Paulo: Revinter, 1997.

NOGUCHI, M. S. A linguagem na Doença de Alzheimer: considerações sobre um modelo de funcionamento linguístico-cognitivo. 1997. 102 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

NOVAES-PINTO, R. A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, SP, 1999.

\_\_\_\_\_. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 55-64, jan./mar. 2012.

NOVAES-PINTO, R.C; BEIKEL, H.M.B. Avaliação de linguagem na Demência de Alzheimer. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista. v. 6, n. 2 .p. 97-126. Dezembro de 2008.

NOVAES-PINTO, R; SANTANA, A.P. Semiologia das afasias: implicações para a clínica fonoaudiológica. In: *Perspectivas na clínica das afasias: o sujeito e o discurso*. São Paulo: Livraria Ed. Santos, 2009a.

NUDEC. Doença de Alzheimer, 2013. Disponível em: [http://www.doencadealzheimer.com.br/index.php?modulo=pacientes\\_servicos](http://www.doencadealzheimer.com.br/index.php?modulo=pacientes_servicos)  
Nunes, P.V. et.al. *Doença de Alzheimer: uma perspectiva do tratamento multidisciplinar*. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

OLIVEIRA, *et al.* Doença de Alzheimer. Perfil neuropsicológico e tratamento. Trabalho de licenciatura. Universidade Lusitana do Porto, 2005. Disponível em <[www.psicologia.com.pt](http://www.psicologia.com.pt)>, acessado em 20.10.13.

ORTIZ, KZ; BERTOLUCCI, P.H.F. Alterações de linguagem nas fases iniciais da doença de Alzheimer. *Arquivos de Neuropsiquiatria*. v.63, n2-A, p.311-317, 2005.

PISA, L.F. Modos de ser e de dizer em Redes Sociais: como o poder e os discursos operam na construção de identidades – uma análise sobre o perfil do Orkut. In: Revista Eletrônica de Linguística DOMÍNIOS DE LINGU@GEM, Volume 6, - n° 1 – 1° Semestre 2012. (<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>).

PRETI, D. Análise de textos orais: São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 6a. edição, 2003. p. 13-14

RODRIGUES, R.H.; CERUTTI-RIZZATTI, M.E. Linguística aplicada : ensino de língua materna. Florianópolis : LLV/ CCE/UFSC, Licenciatura em Letras Português na Modalidade a Distância. 232p. UFSC. 2011.

ROJO, R. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTANA, A. P; BERBERIAN, AP; MARTINS, DF. Letramento e Demência de Alzheimer. In: MOURA, H. et al. *Cognição, léxico e gramática*. Florianópolis: Insular, 2012. p.155-173.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998b.

SOBRAL, M; PAÚL, C. Reserva Cognitiva e Doença de Alzheimer. In: Actas de Gerontologia: Congresso Português de Avaliação e Intervenção em Gerontologia Social. Portugal. Vol. 1 . N°. 1. Ano 2013. pp. 1-9. Disponível em: <http://actasdegerontologia.pt/index.php/Gerontologia/article/view/37/26>

TFOUNI, L.V. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.

TRACTENBERG, L.; STRUCHINER, M. Aprendizagem colaborativa baseada em pesquisa na Web e na construção de mapas hipermídias. In: EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS : Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas / org. de Daniela Melaré Vieira Barros...[et al.]. - Lisboa: [s.n.], 2011. – 517p.

SREET, B. Practices and Literacy Myths. In : SALJO, R. (Ed.). *The Written World: studies in literate thought and action*. New York, Berlin: Springer-Verlag, 1988.

STERN, Y. (2012). Cognitive reserve in ageing and Alzheimer's disease. *Lancet neurol*, 11(11), 1006-12. doi: 10.1016/S1474-4422(12)70191-6.

VERCEZE, R.M.A.N; NOGUEIRA, E.S. Fala versus escrita: atividade de retextualização. *Revista Zona de impacto*. Vol. 4, Ano VIII, Novembro, 2005. Disponível em: <http://www.albertolinscaldas.unir.br/>

VIGOTSKI, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1984].

XAVIER, A.; RAMOS, L.; SANTOS, L.; SIGULEM, D. Oficina da Lembrança: Ambiente de Inclusão Digital e Tele-Reabilitação Cognitiva para Idosos, Portadores de Doença de Alzheimer e Outros Distúrbios Cognitivos, 2004. Disponível em: [telemedicina.unifesp.br/pub/SBIS/CBIS2004/trabalhos/.../782.pdf](http://telemedicina.unifesp.br/pub/SBIS/CBIS2004/trabalhos/.../782.pdf)

## ANEXOS

### ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa. As informações existentes neste documento são para que você entenda perfeitamente os objetivos da pesquisa, e saiba que a sua participação é espontânea. Se durante a leitura deste documento houver alguma dúvida você deve fazer perguntas para que possa entender perfeitamente do que se trata. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final este documento, que está em duas vias, sendo uma via sua e a outra do pesquisador responsável.

01. Informações sobre a Pesquisa:

**Título do Projeto de Pesquisa:**

ALTERAÇÕES LINGÜÍSTICO-COGNITIVAS: CONTEXTOS CLÍNICOS E INSTITUCIONAIS

**Pesquisador Responsável:**

Profa. Ana Paula Santana - **Telefone para Contato:** (48)37214912

**INTRODUÇÃO**

As alterações lingüístico-cognitivas são decorrentes de doenças como demências, afasias, déficits neurológicos, distúrbios neuropsicológicos, alterações genéticas, déficits sensoriais, dentre outros. Há ainda muito a se discutir sobre o papel da linguagem e da cognição nesses contextos, assim como as implicações da intervenção fonoaudiológica.

**FINALIDADE DA PESQUISA:**

O objetivo desta pesquisa é discutir questões relacionadas às alterações e funcionamento lingüístico-cognitivos, bem como aprofundamento de teorias lingüísticas para a análise de fenômenos neurolingüísticos/neuropsicológicos e suas implicações clínico-terapêuticas e institucionais. Ou seja, pretende-se analisar as alterações de linguagem em contextos terapêuticos e escolares.

**PROCEDIMENTO:**

As situações desta pesquisa relacionaram-se à gravação de episódios coletados nas sessões de fonoaudiologia e entrevistas com sujeitos com alterações lingüístico-cognitivas, com seus familiares e no contexto escolar.

**RISCOS E BENEFÍCIOS:**

Não haverá nenhum risco para a sua saúde.

**DESCONFORTO:**

O desconforto será mínimo ou inexistente, pois a coleta consistirá de entrevistas.

**CUSTOS:**

Você não terá nenhum gasto com a pesquisa.

**PARTICIPAÇÃO:**

Caso você queira desistir de participar da pesquisa, poderá fazê-lo em qualquer tempo e no momento em que desejar.

Todos os participantes da pesquisa serão informados de qualquer dúvida pelo pesquisador, podendo os mesmos serem contatados pelo telefone (048) 37214912 ou email [anaposantana@hotmail.com](mailto:anaposantana@hotmail.com)

Durante o decorrer da pesquisa, caso você venha a ter alguma dúvida ou precise de alguma orientação a mais, use o telefone acima.

**PRIVACIDADE E CONFIDENCIALIDADE:**

Você tem o compromisso dos pesquisadores de que a sua imagem e identidade serão mantidas em absoluto sigilo.

No caso de novas informações no decorrer da pesquisa, estas serão submetidas à avaliação da Comissão de Ética para um novo parecer.

**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO:**

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do RG: \_\_\_\_\_, abaixo assinado, autorizo meu familiar \_\_\_\_\_ a participar da pesquisa acima citada. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador \_\_\_\_\_ sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável/Colaborador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

## ANEXO 2 - TEXTO DE RUBENS ALVES

***"Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho para sempre".***

*Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo, fica do mesmo jeito a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e uma dureza assombrosa. Só que elas não percebem e acham que seu jeito de ser é o melhor jeito de ser. Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos: a dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, o pai, a mãe, perder o emprego ou ficar pobre. Pode ser fogo de dentro: pânico, medo, ansiedade, depressão ou sofrimento, cujas causas ignoramos. Há sempre o recurso do remédio: apagar o fogo! Sem fogo o sofrimento diminui. Com isso, a possibilidade da grande transformação também. Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro cada vez mais quente, pensa que sua hora chegou: vai morrer. Dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, ela não pode imaginar um destino diferente para si. Não pode imaginar a transformação que esta sendo preparada para ela. A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz. Ai, sem aviso prévio, pelo poder do fogo a grande transformação acontece: BUM! E ela aparece como uma outra coisa completamente diferente, algo que ela mesma nunca havia sonhado. Bom, mas ainda temos o piruá, que é o milho de pipoca que se recusa a estourar. São como aquelas pessoas que, por mais que o fogo es quente, se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem. A presunção e o medo são a dura casca do milho que não estoura. No entanto, o destino delas é triste, já que ficarão duras, a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca, macia e nutritiva. Não vão dar alegria para ninguém. (Extraído do livro "O amor que acende a lua", Rubem Alves; <http://www.sitedopastor.com.br/artigos/pipoca.htm>)*



## ANEXO 3 - TEXTO AR PUBLICADO NO BLOG

**Transformação do piruá**

*Você sabe o que é piruá? Parece uma palavra da língua indígena.*

*1. Grão de milho que não estoura quando se prepara a pipoca. 2. Pessoa que não aprende nada, não evolui em nenhum setor da vida.*

*Quem gosta de piruá é a galinha que se delicia quando o milho não estoura. Mas para ter um amigo-piruá não dá porque a amizade é transitória. A intimidade que ele mostra não é sincera. Ele não estourou para se transformar.*

*É difícil conviver com piruá, ele atrai mas não está com boas intenções. Apesar de ter passado pelo fogo, não se transformou em pipoca.*

*As experiências da vida são o fogo que transforma o homem.*

*E você quer se tornar em um piruá sem função ou transforma-se em uma pipoca e ser a alegria da festa?*

*A. R. (Escrito em 10 de Novembro de 2011).*